

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL
REGIÃO DE MINAS GERAIS
Comissão Regional de Gestão de Adultos

INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO DO LIVRO DA JÂNGAL

De Rudyard Kipling



CRGA

Novembro de 2007

Sumário

| | |
|--|----|
| Sumário | 1 |
| Introdução | 2 |
| Outros objetivos do Curso | 3 |
| Jogo de Abertura | 4 |
| CIALJ01 – Fundo de Cena | 5 |
| CIALJ02 – História: Os irmãos de Mowgli | 13 |
| CIALJ03 – Os valores contidos no livro da Jângal | 14 |
| CIALJ04 – Estudo I – Características úteis ao adestramento do Lobinho (história “Os irmão de Mowgli”) | 17 |
| CIALJ05 – Reunião demonstrativa | 22 |
| CIALJ06 – História: As caçadas de Kaa | 23 |
| CIALJ07 – Decorações de Alcatéia | 24 |
| CIALJ08 – História: Tigre, Tigre. | 31 |
| CIALJ09 – Trabalho Manual | 32 |
| CIALJ10 – Estudo da história Tigre, Tigre. | 34 |
| CIALJ11 – Fogo de Conselho / Lamparada | 38 |
| CIALJ12 – Danças | 40 |
| CIALJ13 – História/Questionário: A embriaguez da Primavera | 48 |
| Cancioneiro | 74 |

Introdução

BP colocou como base de todo o esquema de formação do Lobinho a história de Mowgli, extraída do “O Livro da Jângal”, de Rudyard Kipling.

É nossa tarefa usá-la como base na vida da Alcatéia. A selva é o cenário no qual a vida dos Lobinhos deve se desenvolver.

Visando oferecer uma oportunidade para que nossos chefes tomem conhecimento das diversas histórias da Jângal, fizemos um pequeno ajuste no curso já existente, sobre a Interpretação e Aplicação do Livro da Jângal. É nossa contribuição para a formação de novos chefes.

Histórias reais, também, podem ser contadas. Segundo Clarissa Pinkola Estés, elas “Podem ensinar, corrigir erros, iluminar o coração, oferecer um abrigo psicológico, promover mudanças e curar feridas”.

Aproveitemos, pois, as histórias como ferramentas que enfatizam os valores morais na formação do caráter do Lobinho.

D.C.I.M. Blair de Miranda Mendes

Equipe Distrital de Formação

D.C.B. Fernando Antônio Lucas Camargo

Equipe Distrital de Formação

Renato Sanzon Ramalho

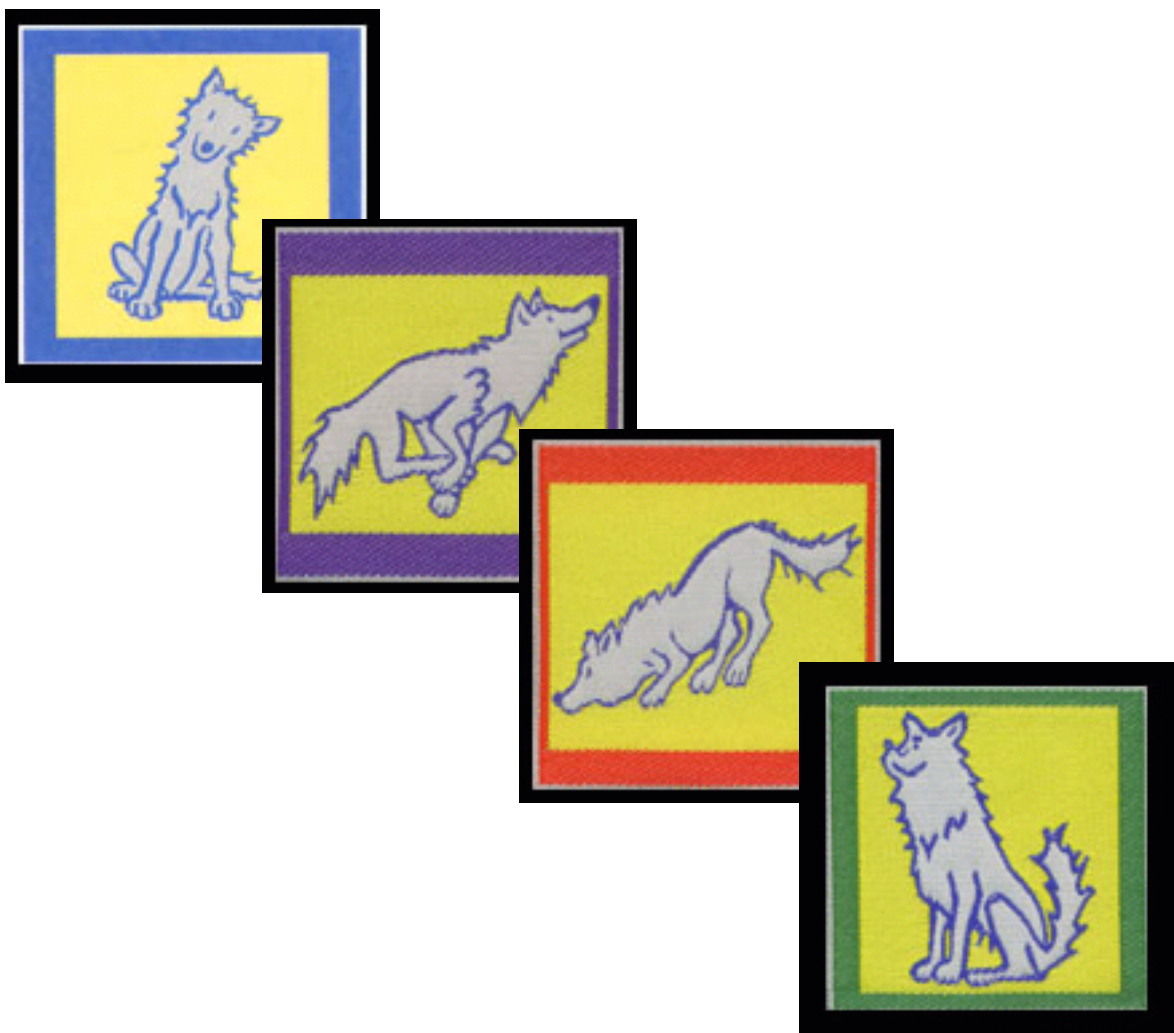
Equipe Distrital de Formação

“Contamos uma história uns aos outros para que possamos viver”

Joan Didion

Outros objetivos do Curso

- Informar diversas técnicas de utilização do Fundo de Cena, tais como: danças, canções, decorações de Gruta de Alcatéia.
- Demonstrar diversas técnicas de se contar histórias.
- Demonstrar utilizações práticas da mística da jângal, através de reunião de Alcatéia e lamparada.
- Levar à conclusão da importância e viabilidade da utilização do Fundo de Cena como viga mestra na estrutura da Alcatéia.



Jogo de Abertura

Os cursantes, já divididos em matilhas, receberão 10 letras do alfabeto escritas em pequenos pedaços de cartolina, uma a uma.

Inicialmente tentarão montar um nome próprio existente na história de Mowgli somente com as suas letras. Aqueles que conseguirem ganharão 10 pontos para a sua matilha.

Depois disso, ordena-se que se agrupem 2 a 2 (sempre da mesma matilha) e, podendo desmanchar a palavra já executada, tentarão formar outra ou outras. Dá-se 5 pontos para a matilha, para cada palavra completa.

Depois disso, pede-se que se agrupem 3 a 3, sempre de elementos da mesma matilha, mas sem nenhuma obrigatoriedade que mantenham-se os dois inicialmente formados. Novamente deverão formar palavras da Jângal, ganhando 3 pontos para cada palavra formada.

Finalmente, agrupa-se toda a matilha que terá 3 minutos para formar o maior número de palavras possíveis, dando-se 2 pontos para cada palavra formada.

Nota 1: - Devido à peculiaridade da grafia dos nomes da Jângal facilite colocando letras que formem as palavras mais comuns.

Nota 2: - Só serão aceitas palavras com a grafia correta.

Exemplos:

- Mowgli
- Seonee
- Tabaqui
- Jângal
- Shere Khan
- Waingunga
- Raksha
- Akela
- Baloo
- Bagheera
- Kaa
- Chill (Abutre)
- Mang (Morcego)
- Hathi (Elefante)
- Ikki (Porco Espinho)
- Bandarlog
- Messua
- Jacala (Crocodilo)
- Mor (Pavão)

CURSO DE INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO DO LIVRO DA JÂNGAL

CIALJ01 – Fundo de Cena

Objetivos:

- Entender quais são os recursos utilizados para criar a atmosfera da Jângal.
- Saber aplicá-los corretamente
- Entender sua importância dentro da mística da Alcatéia

Desenvolvimento:

| In. | Dur. | Etapas – Introdução / Desenv. / Fechamento | Método | Equipe |
|-----|------|---|--------|--------|
| | 10' | Quais as práticas que fazem o Fundo de Cena | PL | |
| | 10' | Como utilizar corretamente cores de matilha, nomenclaturas. | PL | |
| | 10' | Significado das cerimônias | PL | |

Todos os escotistas, mesmo aqueles que não trabalham com Alcatéias, sabem que o Ramo Lobinho tem como fundo de cena o livro de Mowgli, conhecendo o seu valor, porém, fora a nomenclatura, pouco vemos na prática a utilização do fundo de cena na Alcatéia.

Daí vem o valor desta sessão no curso, na qual devemos minuciosamente explicar como aplicá-lo.

A importância da utilização do fundo de cena está embutida em todo o conteúdo do curso, aliás, é o próprio fundamento do curso e, está enfatizado na seção “Os valores contidos no Livro da Jângal”, porém, é útil que no início do curso recordemos objetivamente o que é o fundo de cena, como aplicá-lo e o seu valor dentro do programa Lobinho.

Em caráter introdutório da seção poderíamos apenas dizer que é através das histórias de Mowgli que penetramos no mundo romântico e aventureiro do Lobinho para levar-lhes as mensagens educativas do caráter, incentivar-lhes o adestramento físico e dos sentidos, enfim, formar uma base sólida para o adestramento escoteiro.

Porém, este fim não vale por si só, é preciso criar-se a atmosfera para podermos atingir este objetivo.

Ou, seja, o menino não se sentirá na Jângal, apenas porque se tornou um Lobinho e o ramo assim o requer: o menino deverá ser conduzido a esta aventura!

Em auxílio a esta tarefa lançamos mão dos seguintes recursos:

Gruta de Alcatéia

É absolutamente indispensável que a Alcatéia tenha o seu canto e falamos nisso sabedores das dificuldades inúmeras que enfrentam os Grupos Escoteiros em busca de sedes, porém, dificuldades não podem justificar uma omissão, é fundamental que os Lobinhos tenham a sua Gruta! Um local, mesmo que pequeno, deverá ser rigorosamente limpo e organizado, contendo mobília simples e somente o necessário (Certos Grupos Escoteiros tem suas sedes como verdadeiros depósitos de coisas velhas, inúteis e absolutamente sem valor).

A Gruta deverá ser o reduto primeiro que transporte os Lobinhos a Seonee, portanto, a sua decoração deve levar ao Jângal, as Grutas de Alcatéia ficam bonitas quando nelas se retratam cenas da selva, trazendo em destaques e retratar uma verdadeira Gruta, podendo inclusive ter uma entrada rebaixada como uma caverna.

Os chefes devem levar a sério o fato de decorar o seu lugar, procurando desta forma torná-lo aconchegante, mostrando assim, o seu carinho e atenção à Alcatéia, além do que formará a harmonia necessária com o fundo de cena.

A gruta deverá retratar a história da Alcatéia; para isso, deverá conter os quadros de etapa, frequência, avisos, matilhas de serviço, de pontos, além de quadros demonstrativos acerca de especialidades, nós, áreas de interesse, etc.

História da Jângal

É óbvio que o que mantém a atmosfera é o fato de continuamente contarmos as histórias da Jângal. Devemos contar todas as histórias, e claro que preferencialmente vão sendo relatadas as histórias proporcionalmente ao progresso do Lobinho na Alcatéia, mas devemos nos assegurar que ao sair da Alcatéia todos os Lobinhos tenham ouvido todas as histórias.

As histórias devem ser contadas com ênfase e alternando-se as técnicas. No decorrer do curso serão apresentadas diversas técnicas diferentes, bem como teremos uma sessão destinada a como contar histórias.

Bastão Totem

Segundo a regra 055 do POR: “O símbolo representativo da história da Alcatéia é o bastão-totem, encimado por uma cabeça ou corpo inteiro de lobo, usado principalmente nas cerimônias e no Grande Uivo”.

Tradicionalmente, sempre que um Lobinho/Lobinha alcançar um distintivo (progressão, especialidade ou especial) ou outros fatos importantes da Alcatéia acontecerem, afixamos marcas indicativas desses fatos no Bastão-Totem.

Notamos assim que o Bastão-Totem além de ser um marco simbólico de Alcatéia e um elemento auxiliar do fundo de cena é um instrumento de incentivo na formação da Alcatéia, e uma forma originalíssima de contar a sua história!

O Bastão Totem tem cerca de 1,50 m de altura e deverá ser leve para ser transportado. No seu topo deverá conter uma cabeça de lobo ou um lobo de corpo inteiro esculpido em madeira, recortado em compensado, modelado em gesso ou papel mache e interessante (mas não indispensável) que ele tenha um tripé para ficar em pé sem auxílio, ele deve ter uma pequena plataforma para que se fixem tiras ou fitas uma para cada Lobinho da Alcatéia.

Estas fitas é que são os elementos importantes de estímulo do Bastão-Totem, pois deverá haver uma para cada Lobinho e sempre na cor da matilha. A fita deverá conter o nome do Lobinho e as datas que lhe são importantes; as especialidades poderão ser escritas ou desenhadas, não importa como cada distintivo será representado, o importante é que a tira represente o estágio atual do Lobinho, conseqüentemente, o Totem representará o estado atual da Alcatéia: quanto mais “enfeitado”, mais capacitada é a Alcatéia.

É claro que uma Alcatéia capacitada terá grande orgulho de seu Bastão-Totem e assim gostará de levá-lo a todos os lugares e, assim deverá ser. Ele deverá se tornar um elemento da Alcatéia, a sua tradição! Ele deve ser usado nas Cerimônias, principalmente na investidura quando o Lobinho fixa a sua fita, e naquelas de entrega de especialidades e mudança de etapa de desenvolvimento, quando os marcos são agregados, como também no Grande Uivo, mas ele poderá acompanhar a Alcatéia onde ela quiser levá-lo, em acantonamento ou excursões, por exemplo.

Utilização de dados da Jângal em atividades

Curso de Interpretação e Aplicação do livro da Jângal

É fácil introduzir-se temas da Jângal em jogos conhecidos, dando-lhes um toque especial, por exemplo: em um revezamento em lugar de o Lobinho correr com um determinado “marco ou bastão” na mão ele poderá estar levando uma caça ou a flor vermelha. O jogo do chapéu, não precisa ser com um boné, mas a luta por uma caça, a conquista para a Roca do Conselho, ou de um pouco de água na “Trégua das águas”, o que certamente agradará mais os Lobinhos e fará um papel harmônico com o fundo de cena.

Os trabalhos manuais poderão ser montagens de cenas da Jângal, de um personagem, de um lugar, etc.

Devemos sempre cantar canções que utilize o nosso fundo de cena. As dramatizações são excelentes para fixar cenas e passagens. Estas atividades são usadas para auxiliarem na afixação do fundo de cena, porém, não podemos exagerar utilizando só o tema da Jângal, que os Lobinhos irão se cansar, poderíamos delimitar assim: o fundo de cena da história da Jângal é tema básico constante das atividades da Alcatéia, outros temas podem ser utilizados em atividades alternativas para criar-se maior interesse e dar variedade aos Lobinhos.

Nomenclatura

Os chefes de Alcatéia recebem nomes místicos extraídos do Livro da Jângal. A única designação fixa é a de Akelá para o Chefe de Alcatéia, por ser este o Chefe do Povo Livre inquestionavelmente e assim fazer analogia à liderança do Chefe da Seção.

Não existe qualquer hierarquia entre os outros personagens (tal qual não existe hierarquia entre eles na história) Os chefes recebem as designações conforme as suas características individuais, assim alguém gordo e pesado não poderá ser jamais um Bagheera, caberá bem o nome de Baloo, desde que, tenha o dom de ensinar, tal como o nosso urso. Uma Alcatéia, embora não seja aconselhável, poderá viver sem Baloo, se ninguém aparecer com as suas características, podendo, contudo apresentar personagens de menos destaque, tal como Chill, ou um Hathi. O único que não podemos prescindir é o Akelá. Estes nomes existem apenas quando os chefes estiverem em contato com os Lobinhos, pois entre chefes a designação correta é CHEFE, não é correto em reuniões de chefia nomear Akelá Ana, Baloo Homero ou Chill Sonia. O correto é Chefe Ana, Chefe Homero e Chefe Sônia.

As cores das matilhas designam as cores das famílias que pertenciam ao Povo Livre e devemos dar ênfase a isto, os Lobinhos devem vivenciar sua posição de “brancos”, de “vermelhos” e nós devemos levá-los a isto, é importante fazer analogia de membros de uma família de mesma cor de pele (matilha) e estas famílias agrupadas em uma sociedade que tem as mesmas leis e um só chefe (Alcatéia).

O POR em sua regra 056 estabelece que as designações principais para as cores de matilha são: preta, cinza, branca e vermelha, dando a cor marrom e amarela como alternativas.

Nunca devemos lançar mão de cores não presentes na pele de lobos verdadeiros, tais como azul, verde, etc. Isto destruirá completamente qualquer vínculo de fantasia com o fundo de cena da Jângal.

Significado das Cerimônias

GRANDE UIVO significa uma forma de mostrar que os Lobinhos estão prontos para obedecer às ordens do Akelá e, mais do que isso, fazê-lo da forma Melhor Possível! Assim, é também uma forma de reafirmar a sua Promessa e dar boas vindas ao Akelá. Esta cerimônia lembra as reuniões da Roca de Conselho, onde o Akelá ficava sobre a pedra e os Lobinhos à sua volta, prontos e fiéis para cumprirem as suas ordens.

CAÇA LIVRE significa que a partir deste momento os Lobinhos caçarão sozinhos, sem a liderança do Akelá, por esse motivo deve ser feita somente no final da atividade, realmente no momento em que o chefe da Alcatéia deixa de exercer vigilância sobre os Lobinhos, desenvolvendo assim um sentimento de responsabilidade.

A **PROMESSA** além do significado primeiro que é o compromisso assumido que resulta na entrada do membro na fraternidade escoteira, o Lobinho tem o seu lado romântico que é analógico ao tema da Jângal, ou seja, ele passa ser um lobo, ele ingressa na Alcatéia de Seeonee e passará a viver de acordo com as suas leis e sob a liderança do Akelá.

A **PASSAGEM DO LOBINHO**, indiscutivelmente, é a retratação da história a embriaguez da Primavera, onde o Lobinho deixa a Jângal e ingressa na Terra dos Homens, que vem a ser a Tropa formada ao lado da Alcatéia. O obstáculo existente entre a Alcatéia e a Tropa significa os próximos obstáculos que ele terá que vencer, só com seus próprios conhecimentos e sem ajuda dos Velhos Lobos.

Uma das cerimônias mais bonitas e tocantes na Alcatéia dever ser preparada com cuidado e observados os seguintes itens para que alcance o seu objetivo:

1. É importante que seja explicado antes o significado da cerimônia ao Lobinho, para que ele compreenda o seu significado, os demais Lobinhos e a Tropa também deverão estar conhecedores do significado que poderá ser relatado sucintamente no início da cerimônia, acrescentando-se detalhes a cada nova passagem, ou mesmo, poderá vira a ser relatado em uma determinada reunião de Tropa.
2. É sumamente importante que a Chefe de Alcatéia demonstre a alegria e o orgulho por seu Lobinho estar alcançando este novo estágio, a cerimônia deverá ser alegre o suficiente para demonstrar isso.
3. É também importante a presença do Chefe de Grupo nesta cerimônia, o que irá evidenciar o sentido de globalidade e identidade do Grupo Escoteiro. Poderá haver algumas atividades conjuntas entre a Tropa e a Alcatéia, coordenada pelos dois Chefes de Seção, neste dia, o que acentuará o espírito de Grupo.
4. Reafirmar a sua Promessa e participar do Grande Uivo significa fidelidade a estes princípios até o fim.

O regresso de Mowgli já crescido à Aldeia hindu é a entrada do indivíduo adulto, bem equipado, na vida social e comunitária.

Os animais na realidade são como ele, estão no interior dele, agora ele está pronto para viver com os homens, agora começa a sua vida humana. A Lei da Selva ensinou-lhe e, graças a ela, Mowgli é capaz de uma vida mais evoluída.

O Livro da Jângal encerra toda uma filosofia!

Aplicação destes valores

É preciso ter em mente a importância de todos estes significados para poder aplicá-los corretamente à medida que associamos nossa vida de Alcatéia a vida de Seeonee, assumimos um compromisso de sermos fiéis a ela, sob pena de destruirmos a própria credulidade nos valores que tentamos transmitir.

Exemplificamos: Um Akelá deverá analogicamente liderar por ser o mais forte, pensar na coletividade, espelhar o que Akelá é na história, então um Akelá que procurar primeiro satisfazer suas necessidades deprecia a imagem do líder, um Akelá desmazelado demonstrará que não sabe mais, pois não sabe nem se cuidar. Assim, destruiremos tudo o que a história pode construir.

Da mesma forma, não podemos fazer que meninos “encarnem” a figura de lobos se o chamamos de matilha azul ou lilás, se lobos destas cores não existem.

Para que estes valores, tão a propósito e de acordo com a realidade infantil possam funcionar, é preciso que primeiro, nós os levemos a sério, o saibamos entender, para depois aplicá-los corretamente, oferecendo assim aos meninos rica flora de aventuras, capaz de fazê-los sonhar e vibrar, acrescentando às suas vidas dádivas importantes de caráter que melhor os prepararão para a vida adulta. Os fundamentos da Alcatéia e a razão do seu sucesso são:

- Obediência e respeito ao Akelá.
- Capacidade de renúncia aos interesses individuais em proveito dos interesses coletivos.
- A lei da selva conhecida por nossos Lobinhos, que estabelecem pensar primeiro nos outros, abrir olhos e ouvidos, estar sempre alegre, limpo, ouvir velhos lobos e dizer sempre a verdade, são como uma tradução infantil das atitudes e condutas próprias do indivíduo que está em boas relações consigo próprio e com a sociedade.

Os Bandarlogs: Em oposição ao Povo Livre encontramos os macacos que vivem ao seu bel-prazer, sem disciplina e por isso sofrem conseqüências, matam-se uns aos outros sem motivos, padecem de doenças e fome, não têm objetivos e por isso nada alcançam. Os Bandarlogs são a imagem do indivíduo desorganizado que não consegue integrar a sua individualidade, que age às apalpadelas, cujos movimentos agitados, a mímica e as expressões são exageradas, incoerentes, é incapaz de se obrigar a um trabalho produtivo e útil, incapaz de chegar a um acordo quanto a uma lei ou qualquer expressão cultural.

Uma escolha apresenta-se na vida de cada homem: ou agir como os lobos de Akelá, com inteligência e a organização que provêm da capacidade de controle de seus instintos individuais e da obediência ao mais capaz; ou então agir com os Bandarlogs, cada um por si, sem coordenação nem lógica, cada qual preocupado com a sua fuga pessoal a cada obstáculo que o grupo deveria enfrentar como um todo, como um só corpo e um só indivíduo.

Curso de Interpretação e Aplicação do livro da Jângal

Os animais da Selva: Cada animal representa uma qualidade e falando nisso falamos em um animismo.

O animismo é a capacidade de dar uma alma ou um espírito às coisas que não possuem, as colinas, aos rios, às rochas e a outros seres inanimados. E isto é uma realidade freqüente no mundo infantil, encontramos o animismo na menina que fala com sua boneca, no menino que leva seu coelhinho para dormir com ele. As crianças agem assim porque assim que começam a edificar o seu mundo, protegendo-se nos objetos que envolvem os próprios sentimentos, emoções e pensamentos. É uma maneira de se situarem em relação ao mundo exterior.

Daí o valor e a importância da utilização dos animais da selva, da construção com eles e através deles, de todo um conjunto de episódios, de trabalhos, de histórias de ação e de imaginação. Graças a eles, podemos colocar o menino não só com seu inconsciente, mas também com influências importantes no comportamento, aprendidas à medida que vai sendo capaz de entender, assimilar, quando é apresentada numa forma que ele é capaz de notar, de os utilizar.

Assim, cada qual simboliza, enfatizando o que já vimos anteriormente:

Akelá – Quem guia, quem põe sua sabedoria a serviço da coletividade.

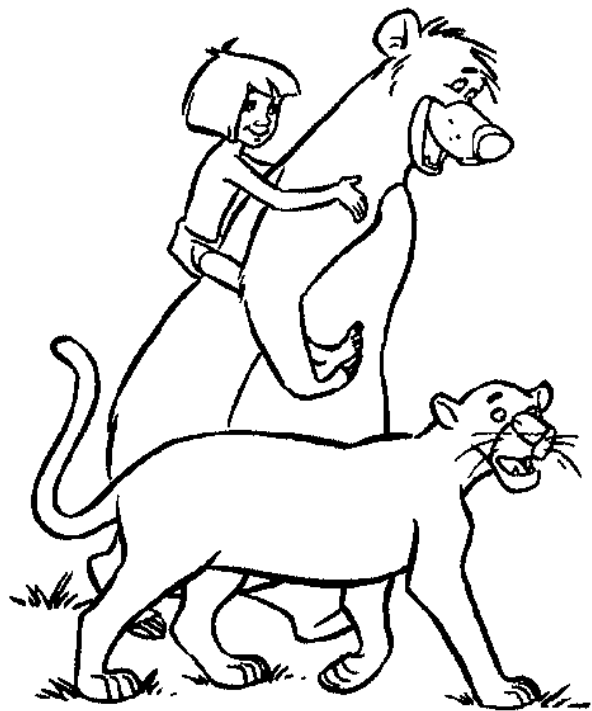
Baloo – Maturidade, experiência, o conhecimento das leis que regem a comunidade, a orientação do caráter.

Bagheera – Astúcia, não como má intenção, mas sim, como derivado de inteligência; Bagheera evoca, também, a aptidão física, a agilidade.

Kaa – É interessante que é tido como um animal invariavelmente mau, inclusive bíblicamente, porém, na Jângal é amiga de Mowgli. Ela representa um ritmo diferente, uma freqüência própria, mas que aparece e resolve nas situações de necessidade. Convém lembrar que para os orientais, a serpente é símbolo da sabedoria, daí poder ser associada ao desenvolvimento intelectual do indivíduo.

Shere-Khan – Retrata a falsa aparência. Deixa transparecer o que não é (corajoso, violento) para esconder o que é (covarde).

Tabaqui – Aquele que permuta sua própria honra por proteção. Símbolo da covardia do adulator.



Mowgli – Está no centro da ação, é criança, representa aqueles indivíduos continuamente aprendizes que são modestos, sólidos, conscientes de si próprios e de sua facilidade de permanecer em um grupo.

Chill – O abutre não aparece com tanto destaque na história, mas auxilia particularmente na aventura com os Bandarlogs; acompanha discretamente e tem uma visão global dos acontecimentos, por ver “do alto”.

Hathi – O elefante longevo não se arroga nenhuma espécie de mando sobre os outros seres, mas é uma referência para todos por sua experiência e sabedoria.

CURSO DE INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO DO LIVRO DA JÂNGAL

CIALJ02 – História: Os irmãos de Mowgli

Objetivos:

- Conhecer a história “Os irmãos de Mowgli”
- Montar uma história com ênfase e atratividade

Desenvolvimento:

| In. | Dur. | Etapas – Introdução / Desenv. / Fechamento | Método | Equipe |
|-----|------|--|--------|--------|
| | 10' | Introdução | PL | I |
| | 15' | Demonstração | DM | I |
| | 5' | Comentários | DD | I |

CURSO DE INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO DO LIVRO DA JÂNGAL

CIALJ03 – Os valores contidos no livro da Jângal

Objetivos:

- Identificar história da Jângal como sustento para transmissão dos objetivos do lobismo.
- Identificar a importância dos símbolos para transmitir significados de difícil compreensão para os meninos
- Enfatizar a analogia existente entre a Alcatéia de Lobinhos e a de Seonee em contraposição ao Bandarlogs
- Apresentar os exemplos que podemos tirar dos personagens
- Aplicar corretamente, tirando maior partido do Fundo de Cena.

Desenvolvimento:

| In. | Dur. | Etapas – Introdução / Desenv. / Fechamento | Método | Equipe |
|-----|------|--|--------|--------|
| | 10' | Introdução | PL | I |
| | 20' | A história e seu conteúdo filosófico | PL | |
| | 30' | Analogias com a vida na Alcatéia | PL | |

O Livro da Jângal à primeira vista parece ter sido escolhido por Baden Powell para sustento do lobismo apenas por se desenvolver em um cenário ao ar livre desejável e adequado quando se fala em Escotismo, porém, não é só isso, ou melhor, é muito mais que isso. Esta escolha reveste-se de razões muito mais profundas. O Livro da Jângal povoa-se de personagens que têm personalidades próprias e distintas, cada um representa uma qualidade, um aspecto, uma tendência, e estes aspectos se entrelaçam em histórias bonitas que se apresentam em verdadeiros exemplos de vida, e estes exemplos são úteis para nós, pois são eles que transmitem aos meninos de forma simples, nossa difícil tarefa de valorização e construção de caráter.

A criança na faixa etária de Lobinho não consegue se relacionar, recorrendo ao pensamento lógico, ou seja, à razão, como estão habituados os adultos; ela precisa de símbolos que possam expressar e associar às suas realidades e assim entender o seu significado.

Assim o Lobinho quando é confrontado com o símbolo da selva, é submetido não a uma função, mas a um elemento que para ele tem valor de verdade e reveste-se de um significado, a um elemento capaz de penetrar no seu mundo interior e criar a atmosfera na qual os objetivos do lobismo são transmitidos.

SÍMBOLOS ENCONTRADOS NO LIVRO DA JÂNGAL

A Selva

A selva é um símbolo universal, tem para todo ser humano um valor idêntico; se dois homens diferentes forem submetidos a estímulos de noção de selva, emergirão e aparecerão no fundo deles sentimentos ocultos e emoções iguais e ambos igualmente encontrarão em disposição de espírito semelhantes.

A selva é o símbolo do nosso inconsciente, ela nos coloca em contato novamente com nossas origens: a natureza, e é através dela que podemos novamente entrar em contato com uma parte de nós mesmos onde podemos sentir-nos mais livres e à vontade para fazer aflorar nossos sentimentos mais íntimos e colocamo-nos em condições ideais de recepção.

Quando brincamos de estar na selva com os Lobinhos, quando lhes contamos uma história da selva, quando lhes descrevemos suas maravilhas e perigos, quando despertamos sua imaginação aos seus recursos inacessíveis, saibamos que mesmo que eles não nos compreendam, sentem que os ligamos de um lado a uma dimensão universal, a um valor comum e pelo outro lado a uma dimensão deles mesmos; assim não estamos brincando e sim, tocando em algo que tem valor na realidade.

Organização do Povo Livre

Como já vimos, o povo de Seonee é o organizado, tem suas leis, e assemelha-se aos Lobinhos à medida que estes se integram no seio de um único grupo, capaz de se identificar com suas leis.

Aproximam-se pela capacidade de cada um afastar num dado momento, os interesses próprios em proveito dos da comunidade, sobre a capacidade de se identificar um com os outros e projetar-se neles, de sofrer por eles, e de se dar por eles até o sacrifício de sua própria vida.



CURSO DE INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO DO LIVRO DA JÂNGAL

CIALJ04 – Estudo I – Características úteis ao adestramento do Lobinho (história “Os irmão de Mowgli”)

Objetivos:

- Reconhecer o fundo de cena como elemento útil no adestramento do Lobinho.
- Entender as características da personalidade dos principais personagens.
- Entender as condições que permitiram a aceitação de Mowgli na Alcatéia com suas conseqüências de direitos e deveres.
- Fazer um paralelo entre a entrada do aspirante na Alcatéia e a entrada de Mowgli na Jângal.

Desenvolvimento:

| In. | Dur. | Etapas – Introdução / Desenv. / Fechamento | Método | Equipe |
|-----|------|--|--------|--------|
| | 15' | Introdução | | |
| | 30' | Discussão | | |
| | 30' | Apresentação | PL | |
| | 15' | Conclusão | | |

Os cursantes serão divididos em 5 grupos nos quais cada um deverá estudar os seguintes tópicos:

1 – Traçar minuciosamente as características físicas e principalmente, a personalidade dos seguintes personagens:

- Akelá
- Baloo
- Bagheera
- Tabaqui
- Shere-Khan
- Raksha
- Pai Lobo

2 – Especifique o comportamento adotado na Roca de Conselho pelos seguintes personagens:

- Akelá
- Baloo
- Bagheera
- Raksha
- Shere-Khan

Especifique também a razão porque cada qual adotou este comportamento e quais as responsabilidades assumidas com esse ato.

3 – Os personagens abaixo poderão servir de exemplo aos Lobinhos de quais qualidades ou defeitos?

- Baloo
- Tabaqui
- Bagheera
- Shere-Khan

4 – Identifique os paralelos existentes entre a entrada do aspirante na Alcatéia e a entrada de Mowgli na Alcatéia de Seeonee.

5 – Com base na história esquematize as ordenações sociais da Alcatéia do Povo Livre e de que forma elas podem auxiliar a educação dos meninos.

É esperado que os escotistas cheguem as seguintes respostas:

1- Características físicas e personalidade de:

Akelá – Lobo cinzento, forte, altaneiro. Lobo solitário, não constituiu família para dedicar-se inteiramente à sua função de líder. Lidera por ser o mais capaz, forte astuto. É imparcial, faz valer predominantemente as leis da Jângal, tem em primeiro e único objetivo o bem estar da coletividade que chefia.

Baloo – Urso pardo, pesado e grandalhão, é inofensivo, pois se alimenta somente de frutos e raízes. Sábio, ponderado, afetivo, bondoso, mas violento quando necessário. Dotado de bom humor, Baloo é a expressão de maturidade combinada com um frescor infantil.

Bagheera – Pantera negra, bonita, olhos vivos e pelagem de seda. A sua voz é doce e delicada. Astuta, intrépida, incansável, corajosa, afetiva, tinha a característica de ter nascido entre os homens, tinha a vivência de conhecê-los (o que Mowgli não tinha) e a experiência de viver entre outro povo, assim podia entender melhor Mowgli. Opõe-se a Baloo, no que ele vence pela experiência e ela pela rapidez e astúcia, Baloo é pesado, desajeitado, ela ágil e delicada.

Tabaqui – É o Chacal, o fraco que precisa ter a proteção do forte e por isso paga o preço de se rastejar ao seu lado numa constante adulação, lisonja e é interesseiro, muda de alvo conforme estão seus interesses ou à medida que corre perigo, não se preocupando em abraçar partidos por vezes antagônicos. Embora medroso, arrisca-se inutilmente a pequenas provocações e as faz somente, pois sabe que apesar de irritantes não são suficientes para grandes reações.

Shere-Khan – Tigre manco. Aparentemente feroz, mas na verdade é covarde, não caça eticamente, prefere atacar presas fáceis mesmo que pequenos e insuficientes para matar sua fome. É vaidoso, porém não tem de que se orgulhar, é nulo, exemplar deficiente de sua espécie.

Raksha – Loba valente, jovem e vigorosa. Encarna a figura da mãe e todo o romantismo que ela encerra, combina a doçura com a força, é caçadora invejável, mas limita-se a proteger sua prole.

Pai Lobo – Lobo jovem e vigoroso, temperamento bom, justo e ponderado, preocupado na defesa de sua prole e do bem estar da comunidade.

Sobre o comportamento adotado na Roca de Conselho

Akelá – Agiu imparcialmente, embora, subentende-se que gostaria de ficar com Mowgli, porém, curvaria-se ao contrário se essa fosse a decisão da maioria. Não se influencia com as exclamativas fúteis e inconsistentes de alguns, nem dos livros de Shere-Khan, segue a lei com sapiência, assumindo como consequência dessa atitude a aceitação de Mowgli como membro de sua comunidade com mesmos direitos e deveres.

Baloo – Com coragem, discorda da maioria e sem rodeios fez uso de seu direito de voto para tomar a iniciativa de aceitar o menino comprometendo-se com isso a ensinar-lhe a lei da selva.

Nota-se que foi movido pelo coração, utilizando, porém, o bom senso e coragem.

Bagheera – Nota-se que também agiu pela emoção, quer bem o menino, mas usa arma diferente de Baloo, usa a astúcia, atingindo frontalmente o ponto fraco da comunidade (a gula). Claramente não assume compromisso, mas entende-se que será eterna protetora do menino.

Raksha – Age puramente pela emoção, é a mãe que usará toda sua força para ter Mowgli consigo.

Shere-Khan – Tipicamente encarna o covarde, não luta, não se arrisca, mas berra do lado de fora querendo obter proveito fácil. Ao perder pela esmagadora maioria, urra desesperado, mas continua sem fazer nada, não se arrisca.

Exemplos de Qualidades e Defeitos

Baloo – Saber, experiência, ponderação, equilíbrio da maturidade com a leveza do menino, o bom humor bem colocado, o professor, a dádiva de poder ensinar.

Bagheera – Beleza combinada com força, agilidade, astúcia, discernimento de certo, do verdadeiro.

Tabaqui – A falta de vontade própria, a inconstância, troca a honra por favores, fraqueza de caráter, insegurança.

Shere-Khan – Deixa transparecer aquilo que não é. Parece feroz e valente, mas é covarde. Vaidade sem fundamento. Imbecilidade e nulidade com prejuízo dos que estão ao seu redor.

Paralelo entre esta história e a entrada de Mowgli

O menino ao entrar na Jângal não sabe o que o espera, deslumbra apenas belezas e aventuras que a floresta encerra, desconhece quem são seus amigos e inimigos e confia em todos, necessita da aceitação do Akelá para vir a ter seus direitos e deveres como membro desta comunidade, para isso precisará do auxílio da experiência de Baloo que lhe mostrará o que é a selva, quais são as leis necessárias para sobrevivência nela e de Bagheera que o tornará um lobo ágil, forte e astuto.

Esquema da Sociedade de Seeonee

É uma sociedade organizada, tem suas leis e seu líder, este é o escolhido naturalmente, é o mais forte, perdendo a liderança para qualquer lobo que venha a superá-lo, respeitam-se e tem o direito de matar somente se sentirem fome. Protegem-se, vetando a caça de filhotes até que estes tenham caçado seu primeiro gamo, não atacam homens, pois sabem não suportar a represália. Reúnem-se sob liderança, tendo direito a voto nas decisões. Enfim, são o exemplo da organização, da disciplina e obediência em proveito coletivo.

Cada matilha se autonumera de 1 a 6.

A matilha se dissolverá formando outros seis grupos (todos os números 1, todos os números 2 e assim por diante).

Cada grupo formado responderá a pergunta que lhe pertencer:

- Grupo 1 – Que método que Baloo utilizava para ensinar Mowgli? Estaria certo?
- Grupo 2 – Dê o perfil do Povo Macaco
- Grupo 3 – Em que o Povo Livre contradiz com os Bandarlogs? Em que isto é útil aos Lobinhos?
- Grupo 4 – Que sentimentos moveram Kaa a seguir Baloo e Bagheera?
- Grupo 5 – Sintetize a grande lição de vida que Mowgli teve nesta história?
- Grupo 6 – Existe validade na aplicação da Lei da Jângal: o castigo conserta tudo?

Da-se 10 min. Para que cada grupo dê a sua resposta. Após isso reagrupa-se a matilha que terá 30 min. Para responder as seis perguntas.

Após isso cada relator da matilha terá 10 min. Para apresentar as suas respostas que deverão ser avaliadas pelos chefe dirigente da seção.

Resumindo, espera-se que os cursantes cheguem as seguintes conclusões:

1 – O Urso julgava ser melhor machucá-lo, pois o amava, do que deixá-lo vir a morrer por ignorar a defesa.

2 – Povo sem disciplina, sem qualquer lei, sem ao menos sentir a necessidade delas para organização e conquista de um objetivo, mesmo porque não tinham um objetivo, ocupavam-se naquilo que tinham vontade no momento, largando quando viam algo mais interessante, fúteis, sem qualquer escrúpulo de envolver outros em seu meio, iludindo-os com ofertas que nunca poderiam cumprir.

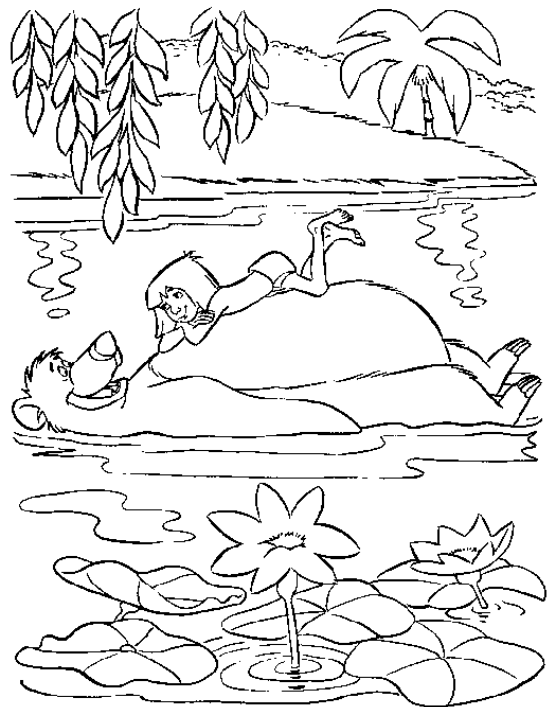
3 – Em ter uma organização, objetivos claros e definidos, por isso viviam bem, enquanto os macacos, adoeciam, passavam fome e morriam precocemente.

Os Lobinhos percebem através desta história a importância da organização de uma sociedade.

4 – Sentiu-se insultada pelo que foi chamada pelos macacos. Sentiu-se orgulhosa por Bagheera e Baloo terem recorrido a ela, reconhecendo ser temida pelos macacos. Julgou não ser bom para um filhote de homem ter semelhante companhia.

5 – Mowgli aprendeu a ver que também erra e a entender o peso da responsabilidade de seus próprios erros. Entendeu que através de uma atitude aparentemente agressiva pode existir lição importantes de vida e que, em contrapartida, uma aparência amigável pode trazer ciladas.

6 – Todo o erro necessita de um julgamento. Uma vez julgada e aplicada à punição, reestabelece-se a integridade do indivíduo e a paz volta a reinar. Desta forma o erro serve de “crescimento” ao punido, e o restabelecimento da normalidade fará despontar bons frutos oriundos deste crescimento.



CURSO DE INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO DO LIVRO DA JÂNGAL

CIALJ05 – Reunião demonstrativa

Objetivos:

- Montar uma reunião de Alcatéia utilizando o tema da Jângal
- Tirar maior proveito da história.

Desenvolvimento:

| In. | Dur. | Etapas – Introdução / Desenv. / Fechamento | Método | Equipe |
|-----|------|--|--------|--------|
| | 90' | Reunião normal | DM | Todos |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |

CURSO DE INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO DO LIVRO DA JÂNGAL

CIALJ06 – História: As caçadas de Kaa

Objetivos:

- Conhecer a história
- Contá-la com expressividade através de técnica de painel

Desenvolvimento:

| In. | Dur. | Etapas – Introdução / Desenv. / Fechamento | Método | Equipe |
|-----|------|---|--------|--------|
| | 15' | História: As caçadas de Kaa contada através de painel com figurinhas móveis | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |

CURSO DE INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO DO LIVRO DA JÂNGAL

CIALJ07 – Decorações de Alcatéia

Objetivos:

- Entender a importância de decorar quadros, papelaria e trabalhos manuais com temas da Jângal.
- Reconhecer que é possível fazê-lo utilizando a técnica do quadriculado.
- Aprender a técnica de cópia, ampliação e redução.
- Receber material para que possa iniciar.

Desenvolvimento:

| In. | Dur. | Etapas – Introdução / Desenv. / Fechamento | Método | Equipe |
|-----|------|--|--------|--------|
| | 05' | Importância da decoração de Alcatéia | PL | |
| | 10' | Demonstração da técnica do quadriculado | PL | |
| | 15' | Aplicação do aprendido | TI | |

O objetivo desta seção é demonstrar aos cursantes que mesmo não sabendo desenhar é fácil fazer cópias, ampliações e reduções usando a técnica do quadriculado.

Cada cursante receberá um modelo dos desenhos anexos, bem como, duas cópias de cada quadriculado em branco.

Inicialmente, reforça-se a importância de que a Gruta, quadros, cartas, avisos, trabalhos manuais, etc. contenham temas da Jângal.

Posteriormente ensina-se a técnica do quadriculado.

Cópia

Pega-se o desenho que se deseja copiar e quadricula-se em módulos de aproximadamente 1/10 de sua altura, por exemplo: Se o desenho tiver 10 cm de altura, quadricula-se em 1 cm² cada módulo. Desenhos com mais detalhes exigem um quadriculado menor. Numeram-se as linhas verticais e dá-se letras às horizontais, forma que cada quadrado fique facilmente identificável (2b, 5f, 8a, etc.). Na folha em que se deseja fazer a cópia faz-se o mesmo quadriculado dando-se os mesmos números e letras de referência, é importante que o quadriculado tenha o mesmo tamanho (se se deseja fazer uma cópia igual) e que este quadriculado seja traçado com lápis macio facilmente apagável.

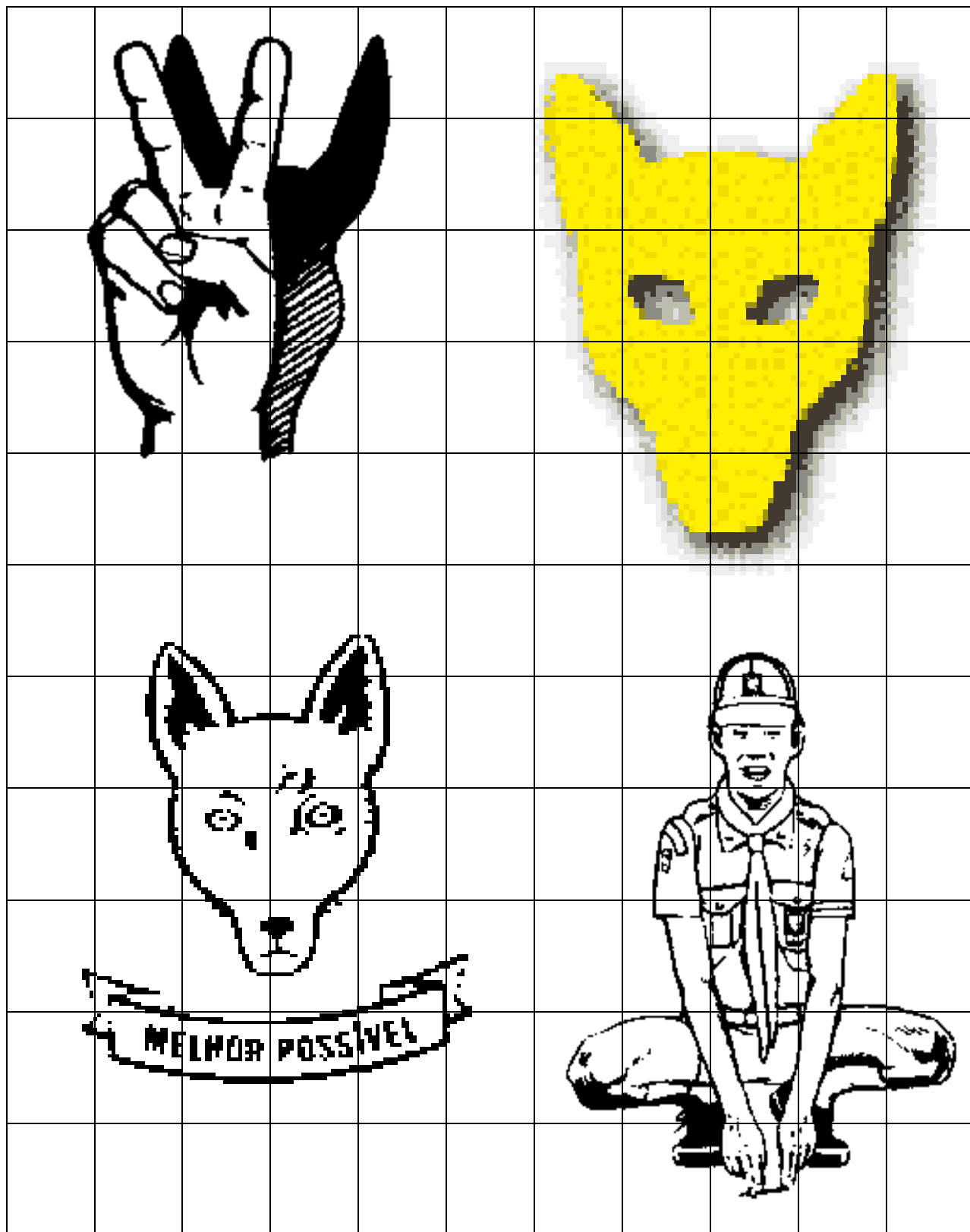
Agora é só copiar quadrado por quadrado, depois de pronto acertar os detalhes, recobrir o traçado com caneta e apagar o quadriculado inicial.

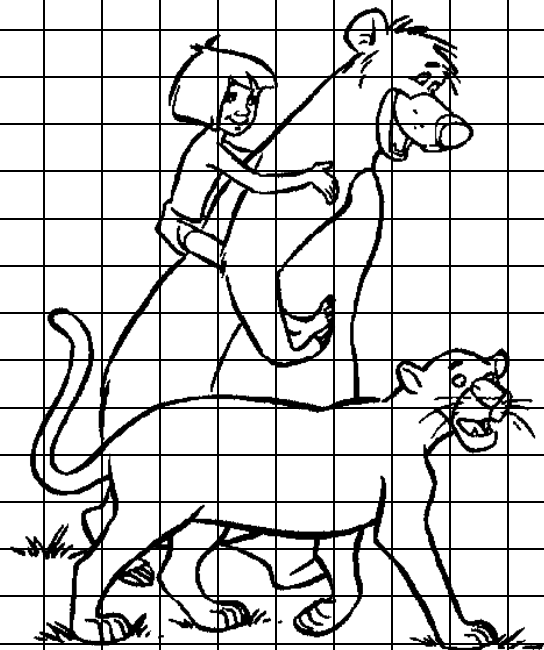
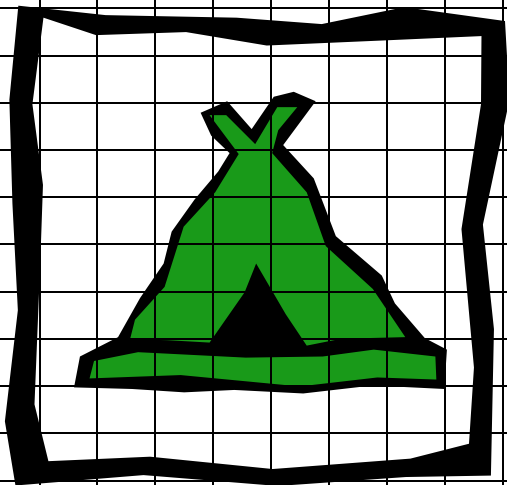
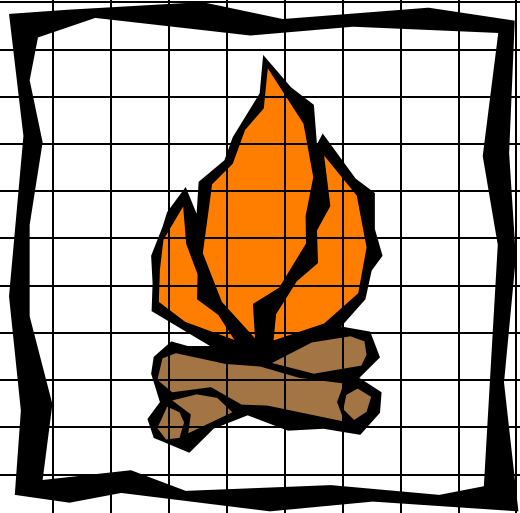
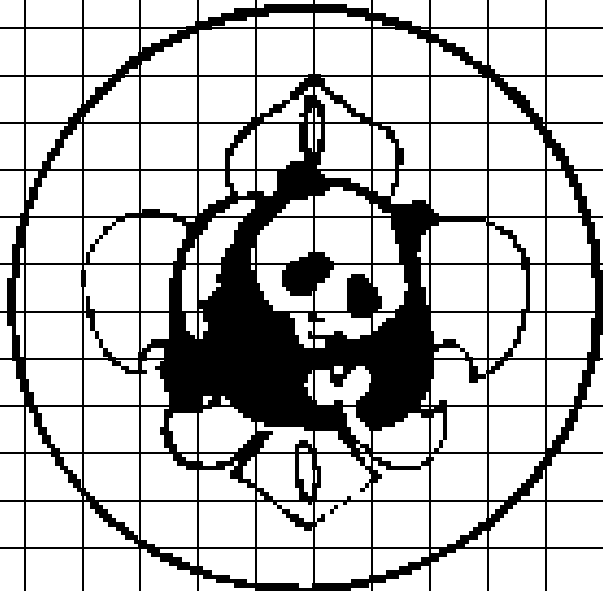
Ampliações e reduções

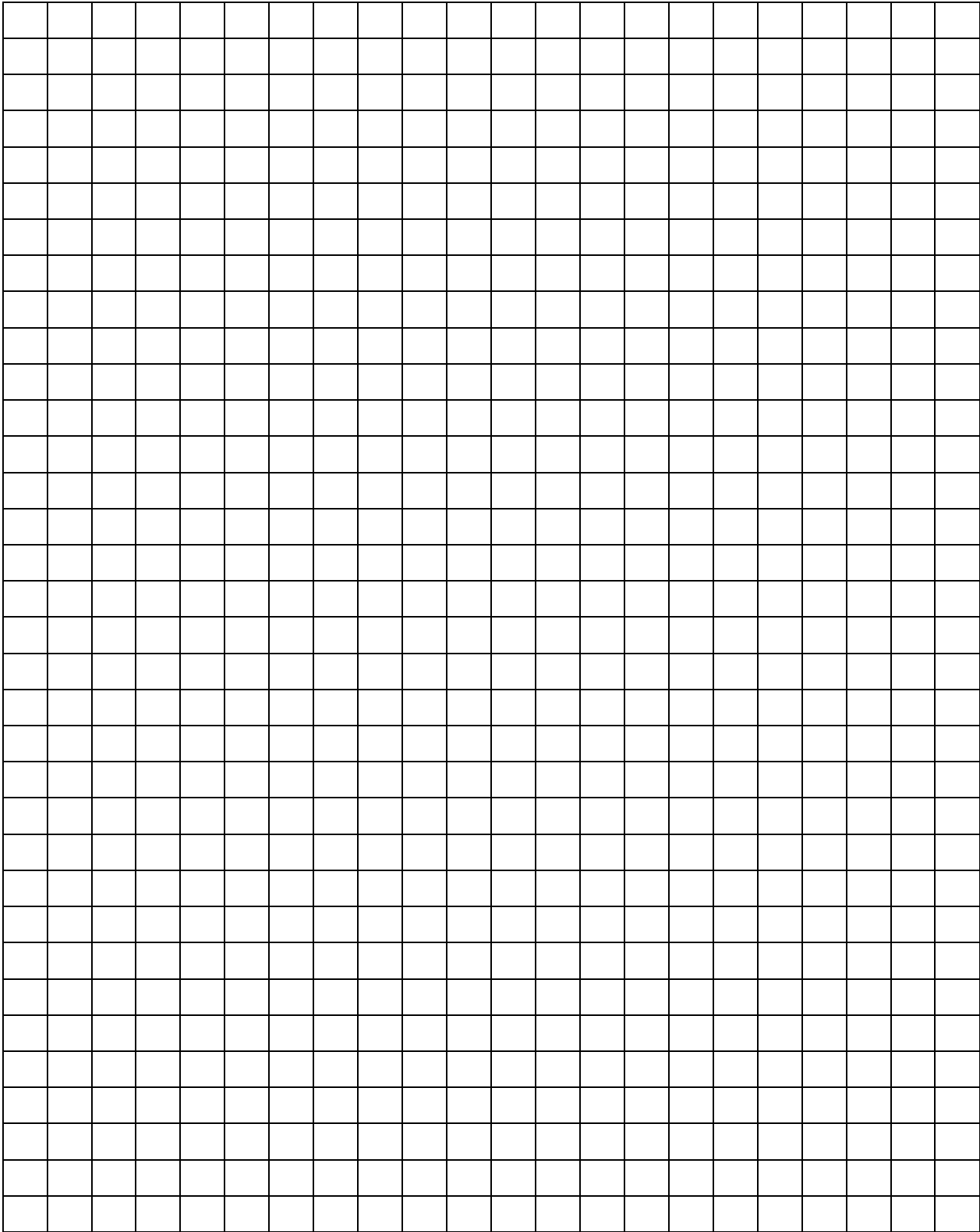
Faz-se o mesmo procedimento, só que o quadriculado que receber o desenho deverá ser maior no caso de ampliações e menor para as reduções.

Finalmente, pede-se para que cada participante faça uma cópia, ampliação ou redução, a partir do material fornecido, recebendo orientação do dirigente da sessão.









CURSO DE INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO DO LIVRO DA JÂNGAL

CIALJ08 – História: Tigre, Tigre.

Objetivos:

- Conhecer a história.
- Saber contá-la com expressividade usando a técnica de rotofilme.

Desenvolvimento:

| In. | Dur. | Etapas – Introdução / Desenv. / Fechamento | Método | Equipe |
|-----|------|---|--------|--------|
| | 20' | Narração da história utilizando o rotofilme | DM | |

CURSO DE INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO DO LIVRO DA JÂNGAL

CIALJ09 – Trabalho Manual

Objetivos:

- Entender o trabalho manual como uma forma de aprendizado das histórias
- Desenvolver novas técnicas de trabalhos manuais

Desenvolvimento:

| In. | Dur. | Etapas – Introdução / Desenv. / Fechamento | Método | Equipe |
|-----|------|--|--------|--------|
| | 30' | Divisão por equipes Execução de trabalhos manuais | TG | I |

Antes de darmos o trabalho devemos enfatizar a importância de usarmos o trabalho manual como uma forma de assimilação e treinamento da história, bem como, um elemento que coloca os Lobinhos em harmonia como o nosso fundo de cena.

O trabalho manual que sugerimos para este curso é o seguinte:

Trabalho com bolinha de gude (bolita) e durepoxi

Material

1 bolinha de gude por cursante

1 caixa de durepoxi secagem rápida por matilha

1 pincel por matilha

1 pote de guache vermelho, azul, amarelo, branco e preto por matilha.

Execução

Por sorteio delimita-se uma história para cada matilha: Os irmãos de Mowgli; As caçadas de Kaa; Tigre, Tigre; A embriaguez da primavera.

A matilha deverá montar com o material dado uma cena da história sorteada.

Os cursantes poderão utilizar o material como quiserem, sugerimos o seguinte: Cada um prepara uma parte do durepoxi, enfeita a sua bolinha dando-lhe aspecto de um personagem da história de sua matilha, depois de seca, pinta-a com o guache.

CURSO DE INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO DO LIVRO DA JÂNGAL

CIALJ10 – Estudo da história Tigre, Tigre.

Objetivos:

- Conhecer minuciosamente a história
- Entender o significado do episódio de Mowgli na Terra dos homens
- Entender a importância da vitória de Mowgli sobre Shere-Khan
- Associar a fase de pré-adolescente de Mowgli à idade dos Lobinhos na etapa de caçador

Desenvolvimento:

| In. | Dur. | Etapas – Introdução / Desenv. / Fechamento | Método | Equipe |
|-----|------|--|--------|--------|
| | 10' | Introdução | PL | |
| | 40' | Estudo em grupo | TG | |
| | 40' | Correção | TG | |

Esta sessão é dividida propositalmente em duas fases, bem como o estudo da história antes da apresentação da mesma, isto porque por ser uma história complicada e de difícil apresentação, os cursantes aproveitarão melhor, pois serão forçados a consultar o livro se não conhecerem bem a história.

1ª parte – Estudo em grupo

Os cursantes receberão o questionário para ser respondido individualmente da forma que quiserem, consultando, inclusive.

2ª parte

A correção será feita pelos próprios cursantes da seguinte forma:

- 10' Agrupam-se de dois em dois para sanarem as principais dúvidas.
- 10' Agrupam-se de quatro em quatro para sanarem as principais dúvidas.
- 20' Reagrupa-se a matilha para redigir as respostas finais.

Apresentamos abaixo as perguntas a serem formuladas com o resumo das respostas que se espera que os cursantes cheguem:

1 – Em que momento se passa à história Tigre, Tigre?

Logo após o episódio da Flor Vermelha, história Irmãos de Mowgli (2ª parte).

2 – Que inimigos Mowgli fez? Por que?

Principalmente Shere-Khan, Mowgli o assustou com o fogo, humilhando-o na frente de todos, de sobra alguns lobos sentiram-se humilhados com a sua supremacia.

3 – Quem acolheu Mowgli na Aldeia? E por quanto tempo?

Messua, a sua verdadeira mãe, por cerca de três meses.

4 – Em que a lei da selva ajudou Mowgli a adaptar-se à vida da terra dos homens?

A lei da Jângal lhe ensinara a dominar-se, porque na vida selvagem o alimento e a segurança dependem muito do domínio sobre si próprio, isto o fez aceitar as leis da aldeia, de que não gostava e nem compreendia.

5 – Que Mowgli pensava sobre a divisão de castas da aldeia?

Acostumado à lei da Selva, Mowgli tratava a todos com dignidade, inclusive os animais, o que indignava o povoado acostumado a levar em tanta consideração a discriminação social.

6 – Como era Buldeo?

Loroteiro, cheio de crendices e fantasias, sem qualquer valor moral que lhe conferisse dignidade, mas muito ouvido pelo povoado.

7 – Quem trouxe notícias da Jângal e quais?

Lobo Gris, avisando que Shere-Khan voltara e estava à caça de Mowgli.

8 – O que combinaram?

Que Gris estaria sentado em suas pedras de forma que pudesse ser visto por Mowgli, enquanto Shere-Khan estivesse por fora; quando ele voltasse, o lobo deveria descer à ravina.

9 – Quem Lobo Gris Trouxe para auxiliar Mowgli na caçada de Shere-Khan?

Akelá

10 – Como foi a caçada?

Mowgli separou os búfalos em dois rebanhos, um dos machos e outro de fêmeas e crias. O plano era entalar Shere-Khan entre os dois bandos de búfalos, perto das barracas da ravina, as quais o tigre não poderia subir pesado como estava por ter comido e bebido.

11 – Qual foi a participação de Buldeo?

Este chegou quando Mowgli tirava a pele de Shere-Khan e quis levar a pele do tigre para obter a recompensa de 100 rúpias oferecida na aldeia pela captura do Tigre. Mowgli solicitou a Akelá que o afugentasse e isto causou a Buldeo estarrecimento por crer que Mowgli é que havia se transformado em lobo; cinicamente, mostrou-se servil a Mowgli, retirando-se em seguida.

12 – Qual foi a recepção de Mowgli na aldeia?

Apedrejaram-no por pensarem que fosse feiticeiro, em vista do relato de Buldeo que dizia ter visto Mowgli transformar-se em lobo.

13 – Qual foi a atitude de Mowgli?

Deixou a aldeia, levou a pele para Raksha e convocou o Povo Livre para examinarem o seu feito.

14 – Como estava o bando nesta época?

Sem a chefia de Akelá, estavam fartos da vida desregrada que levavam, queriam-na de volta.

15 – Que reação teve Bagheera às súplicas dos lobos?

Protestou para que Akelá não aceitasse as súplicas dos lobos, pois logo que estivessem de estômago cheio a loucura e o desrespeito novamente imperariam.

16 – Que decidiu Mowgli com relação ao futuro?

Que caçaria sozinho.

17 – Quem o acompanharia?

Os 4 irmãos lobos.

18 – Que paralelo pode-se traçar entre Mowgli nesta história e o Lobinho na fase de Rastreador e Saltador?

A criança, tal qual Mowgli, está despertando para uma fase de adolescência, distingue os amigos dos inimigos, as companhias que lhes serão úteis das perniciosas, entende a necessidade de firmar o seu próprio caminho, percebe que o seu êxito deverá vir de seu próprio esforço e preparo, enfim, estar no limiar do fim dos devaneios infantis para o início da adolescência que o requisitará muito mais.



CURSO DE INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO DO LIVRO DA JÂNGAL

CIALJ11 – Fogo de Conselho / Lâmpada

Objetivos:

- Entender a possibilidade de realização de uma lâmpada utilizando o fundo de cena da Jângal.

Desenvolvimento:

| In. | Dur. | Etapas – Introdução / Desenv. / Fechamento | Método | Equipe |
|-----|------|--|--------|--------|
| | 60' | Lâmpada | DM | Todos |

Fogo de Conselho / Lamparada

Tema: História que se passaram na Roca do Conselho

Ambientação: Nenhuma

Desenrolar: Entre canções temos a apresentação pelas matilhas de 4 (quatro) episódios marcantes que se passaram na Roca de Conselho, inclui-se um rápido jogo dentro do tema e a “palavra do Akelá” que aproveitará o clima para uma pequena palestra sobre a Lei.

Nota: Serão representadas somente as histórias desenroladas na Roca do Conselho.

Programa

| Horário | Tempo | Assunto |
|---------|-------|--|
| 00 | 5' | Abertura – Canção: Na Roca do Conselho |
| 05 | 5' | Apresentação: Entrada de Mowgli na Alcatéia (História irmãos de Mowgli; 1ª parte). |
| 10 | 5' | Canção: Flor Vermelha |
| 15 | 5' | Apresentação: Flor Vermelha (História Irmãos de Mowgli; 2ª parte). |
| 20 | 5' | Jogo: Flor Vermelha |
| 25 | 5' | Apresentação: Dança da morte de Shere-Khan (História: Tigre, Tigre). |
| 30 | 5' | Canção: A morte de Shere-Khan |
| 35 | 5' | Palavra do Akelá |
| 40 | 5' | Dança de Bagheera |
| 45 | 5' | Apresentação: Despedida de Mowgli (História a embriaguez da primavera) |
| 50 | 5' | Canção: Ensino de Akelá |
| 55 | 5' | Encerramento |

Fogo: Flor Vermelha

Formação: Os lobos todos em círculo sentados, pega-se um objeto qualquer que será o fogo que deverá circular entre os participantes.

Desenrolar: O “fogo” circulará rapidamente, o dirigente de olhos vendados em determinado momento baterá palmas, o lobo que estiver com o objeto na mão queimará esta mão e daí continuará a jogar somente com a mão esquerda. Se outra vez ele for pego com o objeto queimará as duas mãos e só poderá continuar a jogar com os pés.

Nota: Considera-se queimado quem estiver com a Flor Vermelha, mesmo que não estiver na sua mão, tiver caído no chão, por exemplo.

CURSO DE INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO DO LIVRO DA JÂNGAL

CIALJ12 – Danças

Objetivos:

- Conhecer as danças tradicionais da Alcatéia.

Desenvolvimento:

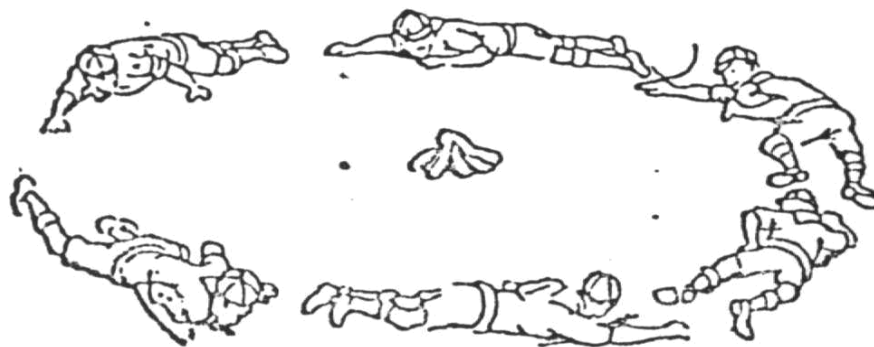
| In. | Dur. | Etapas – Introdução / Desenv. / Fechamento | Método | Equipe |
|-----|------|--|--------|--------|
| | | | | |

Dança de Bagheera

Bagheera é a pantera negra que sabe trepar nas árvores ou rastejar silenciosamente, sem ser vista, nas sombras da noite.

Apesar de ser feroz e terrível quando quer, tem um bom coração e foi ela quem ensinou Mowgli a caçar.

Na dança de Bagheera, todos os Lobinhos representam a pantera.



A Alcatéia está formada em Círculo de Parada, todos se movimentam rastejando e olhando para a direita e para a esquerda, fingindo procurar uma caça. Neste momento, estão deitados no chão. De repente, eles a percebem (a caça), todos os Lobinhos ficam imóveis e fixam o centro do círculo, onde imaginam que um veado está pastando.

Para não serem vistos, ficam de quatro, viram-se para o centro e recuam lentamente alguns passos, para ficarem um pouco mais longe e não espantarem o veado. Depois os Lobinhos continuam a rastejar cuidadosamente em direção ao centro. Quando mais próximo do centro. Mais colado no chão é o rastejo, e mais vagaroso. Estando bem próximo ficam imóveis deitados, até o Chefe gritar “Agora!”, neste instante todos saltam para frente gritando sobre um veado imaginário, apanham-no e esmagam a caça. Rapidamente recuam, carregando e mordendo imaginários pedaços de carne de veado.

Durante esta dança, os Lobinhos devem observar o guia e, no momento, fazer a mesma coisa que ele fizer.



Dança da Morte de Shere-Khan

O último dia do arrogante tigre chegou, ao ser rudemente acordado quando dormia no vale seco do Rio Waingunga. Shere-Khan, que após o grande repasto estava pesado demais e incapaz de subir pelas ribanceiras do rio, foi pisoteado pelo estouro da boiada dos selvagens búfalos e teve morte horrível.

A Alcatéia forma um círculo, e fazendo esquerda volver anda em círculo cantando os seguintes versos com a música de “Frère Jacques”:

Mowgli caçando,

Mowgli caçando,

Matou Shere-Khan,

Matou Shere-Khan,

Esfolou o come-gado,

Esfolou o come-gado,

Rá – Rá – Rá (grito)

Rá – Rá – Rá

Porque Mowgli depois de ter morto Shere-Khan, tirou seu couro, não obstante ter tido ainda uma discussão com o velho Buldeo, o caçador, e ter pedido ao Akelá, que o mantivesse de encontro ao chão até prometer abandonar o local e ir-se embora. Mowgli levou depois o couro de Shere-Khan à Roca do Conselho.

Voltando à canção. Cada verso da canção representa um passo e a canção é imediatamente repetida, com todos dando meia volta e marchando em sentido contrário. O modo de representar é o seguinte:

1º verso – Mowgli está caçando – O Lobinho avança o pé direito com a mão direita fazendo sombra aos olhos, na atitude de observando a redondeza.

2º verso – Mowgli está caçando – Faz o mesmo como pé e mão esquerda.

3º verso – Matou Shere-Khan – com a mão direita dá uma violenta punhalada em um tigre imaginário.

4º verso – Matou Shere-Khan – repete com a mão esquerda

5º verso – Esfolou o come-gado – Com as duas mão, na altura do rosto, faz um gesto imitando a ação de arrancar o couro.

6º verso – Esfolou o come-gado – repete o gesto.

7º verso – Rá – Rá – Rá – Dança em círculo para a direita agitando o braço direito em cima da cabeça.

8º verso – Rá – Rá – Rá – repete os mesmos gestos para esquerda.

Para segunda parte da dança, os Lobinhos ficam de quatro, voltados para o centro do círculo, com o guia do lado de fora.

Esta parte consiste em uma série de insultos ao tigre morto, ditos pelo guia, que a Alcatéia responde com uma série de rosnadas rastejando um pouco na direção do círculo.

Os insultos serão em número de quatro. Tanto os insultos como os rosnados são feitos inicialmente, em voz baixa, mas aumentam gradativamente demonstrando raiva e ódio. Os Lobinhos entre os grunhidos não se movem. Os insultos são: Lungri; Comedor de sapos; Tigre manco queimado; Caçador de crianças. No fim do quarto rosnado, a Alcatéia deve ter alcançado o Círculo da Roca.

A terceira parte da dança começa com todos formando um círculo acocorados, as mãos caídas, livres ao lado. O guia deve estar no centro do círculo da Roca.

O guia fica de cócoras ao mesmo tempo e levanta as mãos acima da cabeça, gritando lenta e dramaticamente:

“Shere-Khan está morto”: A Alcatéia estica também os braços para cima na mesma posição e ritmados pelo guia inclinam braços dizendo: “Morto – Morto – Morto”; aí, todos juntos dão um salto e gritam “Hurra” com grande excitação, três vezes e, caem no chão como se estivessem levado um tiro. Depois de permanecerem deitados, em mortal silêncio uns segundos, um sinal é dado para se levantarem e está terminada a dança. A dança não é tão complicada como parece, cada parte deve ser treinada separadamente e depois feitas todas as partes juntas.



Dança de Baloo

Vamos formar o “Círculo de Parada” e ensinar a dança de Baloo, o urso.

Ele é o animal que segundo “O Livro da Jângal” ensina a lei da Jângal a Mowgli. Ele é um velho, grande, gordo e bonachão.

Quando a ordem “Baloo” é dada, cada Lobinho faz direita volver e acompanha o guia; marcha lenta e pausadamente como o urso, grave e convencido, a barriga empinada para frente, os cotovelos afastados do corpo, para traz, o queixo para cima, lançando para a direita e para esquerda olhares superiores e arrogantes; andando, ele repete em voz alta a Lei dos Lobinhos para que todos aprendam.

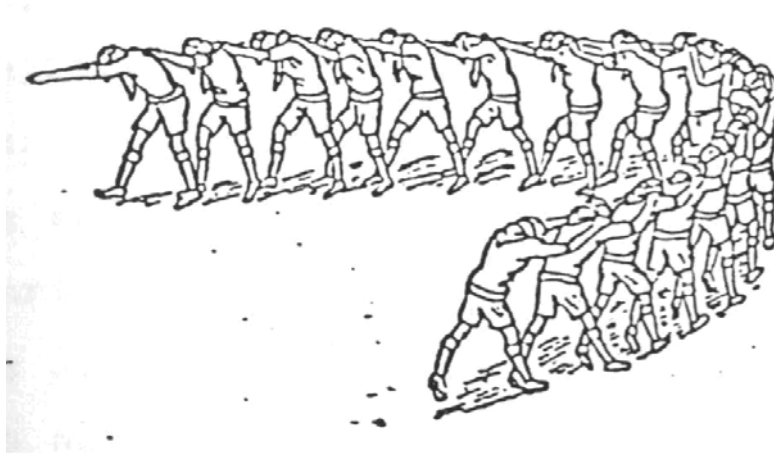


Quando o chefe de Lobinhos faz um sinal ou dá voz de “Alto”, todos param imediatamente, viram-se para o centro do círculo, e, na posição de “Sentido”, aguardam ordens.



Dança da Fome de Kaa

O guia representa a cabeça de Kaa e o resto da Alcatéia faz fila um atrás do outro, cada um com as mãos no ombro do que vai a frente e seguindo a cabeça onde quer que ela vá; movendo-se tão vagarosamente quando seja possível e com o passo certo com o Lobinho que está na frente.



A “cabeça” (o da frente) desliza suavemente num percurso em forma de oito até que volta ao contrário, formando uma figura que os escoteiros chamam de “caracol”.

Durante todos estes movimentos, os Lobinhos devem se manter silvando e andando deslizando os pés, sem o menor ruído, de modo que o conjunto seja semelhante ao de uma serpente deslizando na relva. De tempos em tempos um silvo mais forte, pois é deste modo que as serpentes chamam seus amigos.

Quando Kaa enrolou-se e desenrolou-se, o guia comanda: “Bandarlog”, a este grito a serpente fraciona-se, cada Lobinho corre para um lado imitando macacos.

Um corre em uma direção certa como se fosse fazer uma coisa urgente, mas para de repente para sentar-se e fica olhando o céu.

Um outro dança de quatro pés, rodando, rodando, rodando, sem nenhum objetivo. Outros procuram segurar o próprio rabo. Outro sobe em galhos imaginários e no meio disso senta-se e coça-se todo. Outro corre rápido, formando um percurso em oito. Outro finge rastejar, cuidadosamente, em direção a um inimigo, e volta a fazer cabriolas. Outro caminha com a cabeça virada para trás olhando seus calcanhares, pára, e arranha seu próprio corpo. Outro caminha apressadamente como se tivesse coisa importante a fazer, mas após alguns passos para, parece que esqueceu o que tinha a fazer, coça a cabeça, dá meia-volta e segue em outra direção e recomeça a mesma coisa.

Enfim, fazem todas as asneiras que os macacos são capazes de fazer, e nenhum deve tomar interesse pelo que está fazendo seu vizinho. Todos devem manter-se ocupados durante o tempo todo, fazendo, em cada vez, coisas estúpidas e diferentes.

Curso de Interpretação e Aplicação do livro da Jângal

Durante este período vocês devem dar continuidade ao grito dos macacos. Todos devem estar num estado de confusão fazendo tolices sem objetivos e dando ao mesmo tempo o grito dos macacos: - Goorruque, goorruque, Hau, Hau, Goorruque “.

De repente o guia grita: - “Kaa!”. Os macacos ficam gelados de horror, pois eles conhecem muito bem o seu pior e terrível inimigo, e ficam “grudados” nos seus lugares.

O Lobinho que representa a cabeça de Kaa fica em pé com os braços estendidos para frente, horizontalmente, polegares cruzados, cabeça baixa entre os braços e balançando seu corpo, lentamente, para frente e para trás. Ele dá o silvo e todos os macacos, sem querer, dão um passo a frente. Ele aponta para um deles. A assustadora vítima rasteja entre suas pernas abertas e está “engolido”, indo então formar fila, atrás do guia, tal qual como no início da dança. Mais ou menos uma dúzia de macacos tem o mesmo destino, e um atrás do outro, forma de novo o corpo de Kaa; os outros, andando lentamente, em volta dela, vão entrando em forma, na retaguarda da fila. Quando todos entram novamente na formatura, a cobra move-se, vagarosamente, formando um círculo e deita-se então, para dormir após a pesada refeição. Logo que a cabeça de Kaa acabou de fazer o círculo fechado, cada Lobinho deve dar passos bem curtos.

O último Lobinho da cauda. Deita-se devagar e faz pressão no ombro do que está na frente, que faz o mesmo com o outro, e assim sucessivamente, até que todo o corpo de Kaa esteja deitado, exceto os três primeiros. Estes três, guiados pela cabeça de Kaa, balançam por um momento a cabeça, olhando em torno e ao longe, antes de finalmente deitar-se com o resto.



Dança de Tabaqui

Para a Dança do Tabaqui a Alcatéia se divide em duas partes iguais: uma constituída de Tabaquis, cujo chefe representa Shere-Khan; a outra metade são os Lobos e Mowgli está com estes.

Os Tabaquis e Shere-Khan representam a sua parte antes, enquanto os Lobos estão deitados, esperando, no fim da sala ou pátio.

Os chacais fazem círculos em volta de Shere-Khan que passeia orgulhosamente no centro, tem aspecto fanfarrão e parece desafiar céus e terra para virem lutar com ele. Volta e meia exclama: “Eu sou o Shere-Khan, o Tigre Rei!”.

E os chacais movendo-se em volta dele murmuram: “Chacal, Chacal.”.

De repente, um Tabaqui, destaca-se do círculo, aproxima-se humildemente de Shere-Khan e inclina-se reverente, e, pelas costas do tigre, faz-lhe uma careta.

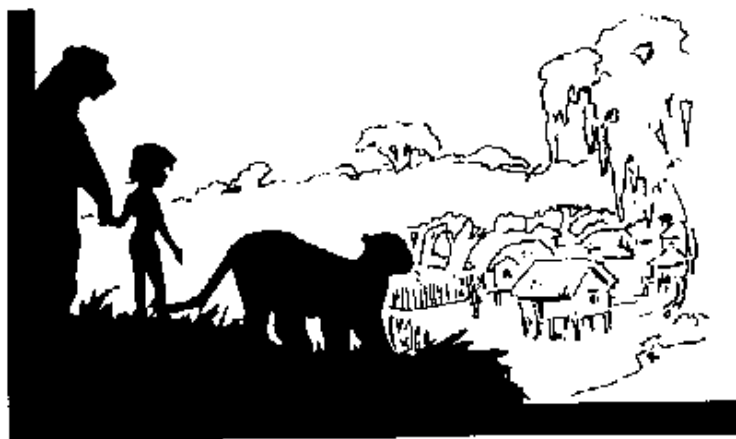
Que espécie de gente nojenta, não é?

Atenção! Os Lobos estão se movimentando. Avançam rapidamente sobre os Tabaquis e cada um deles arrasta um destes covardes. Quando termina o tumulto, devido à resistência dos Tabaquis, e os Lobos com seus prisioneiros estão de novo deitados e quietos. Shere-Khan, que fica um pouco nervoso durante o tumulto, olha em volta, vê que está sozinho e então murmura. “Sou de fato muito mais forte do que pensava” e grita “Eu sou o Shere-Khan, o Tigre Rei!”.

Ele espera ser ouvido e temido pelos habitantes da Jângal. Talvez o povo da Jângal acredite nele, mas Mowgli atravessa o campo, lentamente, olhando fixamente para o fanfarrão, com os braços estendidos e com o dedo apontado para ele.

Shere-Khan não suporta o olhar dominador do homem. Amedronta-se, torna-se humilde, e, apesar de continuar a rosar dizendo que é o Tigre Rei, cada vez mais humilde, agacha-se até ficar covardemente estirado aos pés de Mowgli.

A dança termina, a Alcatéia reúne-se para formar o Círculo de Parada. Esta dança, de certo modo é



difícil, mas vale a pena tentá-la, pois com Lobinhos espertos pode-se tornar muito real e excitante. Outros poderão certamente torná-la desinteressante, fazendo brincadeiras e não procurando representar os papéis.

Lobinhos, o sucesso ou o fracasso desta dança depende de uma coisa: ou você mostra que despreza, de vez, os traidores e covardes, ou você não se deu ao trabalho de pensar.

CURSO DE INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO DO LIVRO DA JÂNGAL

CIALJ13 – História/Questionário: A embriaguez da Primavera

Objetivos:

- Conhecer a história “A embriaguez da Primavera”
- Reconhecer a importância da “Trilha Escoteira”
- Entender as analogias que são feitas entre a ida de Mowgli à terra dos homens e a saída do Lobinho da Alcatéia

Desenvolvimento:

| In. | Dur. | Etapas – Introdução / Desenv. / Fechamento | Método | Equipe |
|-----|------|--|--------|--------|
| | 15' | Introdução | PL | |
| | 60' | Base (15' cada) | TG | |
| | 15' | Comentários | PL | |

Esta sessão é dada em forma de bases onde o contato com a história e os comentários são feitos simultaneamente.

São estas as quatro bases (15' cada)

Demonstração da história

Pergunta: O que levou Mowgli a sair da Selva?

Pergunta: Como foi a despedida de Mowgli?

Reflexão: Trace um paralelo entre a saída de Mowgli da Jângal e a saída de um Lobinho da Alcatéia

Cada base deverá ser acompanhada por um chefe que lançará a pergunta (ou contará a história) orientado as respostas para o seguinte caminho:

O que levou Mowgli a sair da Selva?

Mowgli já não se compatibilizava com os seus usos e costumes, enfim, a vida da selva, aquilo que para ele antes tinha um significado, aquilo que o cativava e envolvia, agora se encontrava destituído de atração e objetivo. Mowgli não se sentia mais com “um deles” começava a ver a selva como alguém que estivesse do lado de fora, embora amasse os seus amigos e os tivesse na mais alta consideração, entendendo que a Selva era importante e boa para eles, instintivamente atraía-se pelos objetivos da Terra dos Homens, condizente com a sua natureza.

Trace um paralelo entre a saída de Mowgli da Jângal e a saída de um Lobinho da Alcatéia.

Mowgli viveu, aprendeu, aproveitou os ensinamentos da Selva, mas tornou-se um homem, o que era excitante e aventureiro não mais lhe cabia, estava pronto para uma nova vida!

O Lobinho aprende, encanta-se com a Alcatéia, cresce e está ávido e apto para novas aventuras condizentes com a sua idade.

A selva o preparou e ensinou, e na sua lição suprema alegra-se ao ver seu filho querido partir, feliz porque se exauriu em conhecimentos, proporcionando-lhe base sólida e firme para usufruir de uma vida com confiança, dignidade, sabedoria e aptidão para a conquista da felicidade.

Demonstração da história

Deve ser com nova técnica, sugere-se a de fantoche, a usual, ou através de cenário montado livremente sobre uma mesa ou chão (o que não é difícil, pois a história passa-se quase toda na selva) sendo os personagens, marionetes, bonecos ou mesmo recortados em cartão.

Passagem para o Ramo Escoteiro

Não raro encontramos frente à situação de que excelentes Lobinhos, Cruzeiro do Sul, com várias especialidades, Primo ou Sub-Primo, quando passam para o Ramo Escoteiro, ficam alguns meses, começam a se desinteressar e faltar, e até abandonam o grupo. Porque?

Talvez seria mais cômodo, para nós, Chefes de Alcatéia encerrar a questão com afirmações tais como: “Esse Chefe de Ramo Escoteiro é ruim!”; Porém, as coisas não são bem assim, a

Curso de Interpretação e Aplicação do livro da Jângal

responsabilidade da permanência do menino no Grupo Escoteiro é de todos os Chefes dos ramos que o jovem passa, em última análise é responsabilidade do Conselho de Chefes.

Baden Powell no livro Guia do Chefe Escoteiro menciona textualmente “os objetivos do Movimento (...) para serem sentidos em sua verdadeira grandeza, devem ser avaliados por seus efeitos no futuro e por um prazo nunca inferior a 10 anos. Esta é a real unidade de medida que deve ser usada no Movimento”.

Assim, nossa responsabilidade como educador é garantir a permanência do jovem por um lapso de tempo suficiente para que possa extrair do Escotismo os efeitos benéficos. Portanto, a passagem de um ramo para outro merece muita atenção.

É primordial que levemos em consideração, primeiramente, que é nessa idade que se desperta a faculdade emotiva e se desenvolve a sensibilidade de alma, ou seja, o jovem em uma fase de transição, carente de cuidados especiais.

Desperta-se a consciência de sua personalidade, começa a sentir e pesquisar mais as coisas, sente o peso de suas responsabilidades, e nasce um pudor que esconde seus desejos, temores, dúvidas e desapontamentos. E a idéia de acabar com sua antiga vida de Lobinho e ressuscitar como escoteiro parece-lhe uma aventura extraordinária, ao lado desse estado emocional próprio da idade. Outros fatores influenciam a aceitação da vida na Tropa, quais sejam:

Perda de Status: O sistema de insígnias, ou seja, para cada avanço conquistado um símbolo (distintivo) que evidencie esta situação que tanto estimula os Lobinhos e escoteiros, pois influir negativamente na passagem, pois seja o Lobinho tão adestrado (e “enfeitado” no seu uniforme) vê-se de repente, sem nada, começando tudo outra vez, vai daí um motivo a mais para que trabalhemos para a conquista do Cruzeiro do Sul, pois o ex-Lobinho o ostentará no uniforme até 21 anos de idade, evidentemente é importante que o Chefe de Tropa faça seus escoteiros conhecer e valorizar este símbolo!

Outro dado importante é que o Chefe da Alcatéia evidencie na oportunidade da “trilha escoteira” que o adestramento obtido na Alcatéia é o início de um caminho e a base de conhecimento e aptidões que ele vai desenvolver paralelamente ao seu crescimento.

Devemos mostrar ao Lobinho que os nós aprendidos na Alcatéia serão de valia em atividade de acampamento, jogos e grandes pioneirias como uma ponte, por exemplo; que cada especialidade tirada como Lobinho continuará valendo, e que surgirão novos desafios para aquela sua aptidão!

Mudança de Ambiente: Qualquer um de nós já sentiu o quanto é desagradável adentrar (e se familiarizar) com um ambiente completamente novo e a Tropa, é algo muito novo para os Lobinhos, seja quanto à mística, como quanto à forma e organização, ou costumes e uniformes. É preciso por este ambiente o mais familiar possível antes da passagem. Por isso a “Trilha Escoteira” deve ser levada a sério.

Façamos, portanto, a conversa com Chefe de Tropa, deixemos o Lobinho conhecer bem seu monitor, sua patrulha e seu canto de patrulha e façamos que participe de 1 ou 2 reuniões com a Tropa.

Esses contatos devem ser preparados meticulosamente pela Chefia de Tropa levando-se em consideração a presença do Lobinho, provavelmente, é evidente, mas vale a pena lembrar que a acolhida da Tropa deverá ser familiar, sempre a de mostrar o júbilo em receber mais um elemento que contribuirá com crescimento quantitativo e qualitativo da patrulha e Tropa.

Transformar a palavra Lobinho em adjetivo pejorativo ou usar expressões como “praga azul” poderá ser útil a Chefes que procuram uma identificação barata com seus escoteiros tampando sua

incapacidade de manipular o verdadeiro método utilizando-se do mais fraco, mas certamente será humilhante e desestimulante para o Lobinho.

Desligamento da Alcatéia

“Desagradável é o sentido de perda do Akelá: Tão atencioso, amigo, brincalhão, agora se dedica exaustivamente aos Pata Tenras e o novo escoteiro de longe, observa, enciumado, mais sabendo que lá jamais poderá voltar!”.

Esta cena patética deverá ser banida de nossas Alcatéias e Tropas, o Akelá não deve morrer, sumir, deverá transformar-se, si, no Chefe Escoteiro que é, pertencente à unidade do Grupo Escoteiro! Assim, freqüentemente, os Chefes da Alcatéia devem demonstrar seu interesse pelo agora escoteiro perguntando pelo seu adestramento, contando histórias de feitos de sua patrulhas e, estando presente na cerimônia de sua Promessa, entrega de distintivos e, sem dúvida, da “Lis de Ouro”.

A recíproca é verdadeira! Convidemos nosso amiguinho para vir a Alcatéia, para auxiliar na instrução sobre uma especialidade conquistada por ele, para trazer o trabalho manual que fez com destaque, no dia que a Alcatéia trabalhará na mesma técnica, ou para participar eventualmente de uma lamparada, só que desta vez senta-se com a Chefia!

Conhecimento Anterior: É preciso que o Chefe de Tropa tenha em mente que o ex-Lobinho difere-se, e em muito, do aspirante normal.

De fato o ex-Lobinho não se entusiasma tanto com o uniforme, os hábitos escoteiros, isso já lhe é familiar.

Por outro lado, este pequeno já tem espírito e está julgando o grupo, o espírito de disciplina e de autodomínio que ali reina, a justiça e a energia e a alegria que cada um traz.

Deve-se lembrar também que este Lobinho tem olhos “treinados” para ver a Lei e a Promessa de forma nobre e bela e que talvez o próprio monitor não esteja apto a fornecer as explicações que deseja.

Por outro lado, a expectativa do Chefe de Tropa é grande, podendo gerar um ambiente de ansiedade e medo de não corresponder por parte do jovem.

Não se aconselha exigir-se além do necessário de um noviço que foi Lobinho, o fato de esperar-se muito tempo para a Promessa, o fará sentir um “peixe fora d’água” por não ser Lobinho e nem escoteiro, desestimulando-o certamente.

Idade na Passagem: E, finalmente é preciso que seja cumprida rigorosamente a época de passagem tanto na Alcatéia como na Tropa.

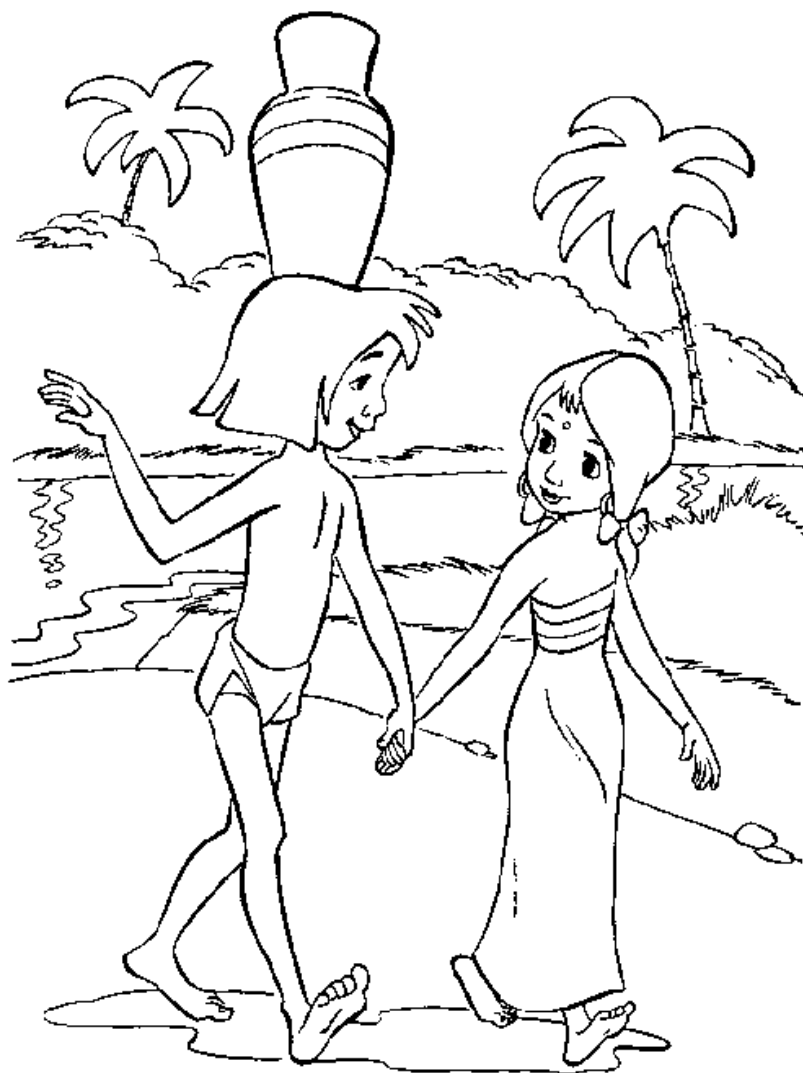
Se dissermos sempre que, interrompa o jogo no auge, a lamparada na sua culminância, façamos igual com a vida do Lobinho na Alcatéia, pois após o auge, vem o declínio do interesse e somente será um mau começo passar uma criança desestimulada para o início de uma nova Tropa.

A isto deve ser uma preocupação do Grupo Escoteiro, pois se a Tropa não seguir o mesmo ritmo, poderemos correr o risco de ver um pequeno escoteiro de 10 anos disputando com um garotão de 15 de 1,80 e calçando 44, certamente desestimulante e amedrontador para qualquer um!

O assunto é sério. Lembremo-nos que está intimamente ligado ao sucesso de nossas vidas a capacidade de enfrentar as mudanças com otimismo e perspectivas de maiores oportunidades de crescimento. Em contrapartida, enfrentar com pessimismo é o passaporte para o fracasso!

A passagem de ramo é uma mudança, se para melhor ou pior, depende, certamente, de nós, e o principal, influenciará predominantemente sobre o seu conceito de encarar positivamente ou negativamente as mudanças que a vida lhe trará!

Sugiro que inicie ou intensifique o seu trabalho conjunto com o chefe de Tropa de seu Grupo Escoteiro, sugerindo a ele a leitura do Manual do Escotista do Ramo Lobinho.



CURSO DE INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO DO LIVRO DA JÂNGAL

CIALJ14 – O livro e o jogo de *Kim* e sua aplicação pedagógica

Objetivos:

- Conhecer a história de “Kim”.
- Identificar a importância da história de Kim como fundo de cena na vida escoteira.
- Identificar os elementos de destreza, capacitação cognitiva e afetivos trabalhado com o jogo de Kim.

Desenvolvimento:

| In. | Dur. | Etapas – Introdução / Desenv. / Fechamento | Método | Equipe |
|-----|------|---|--------|--------|
| | 5' | Introdução | PL | |
| | 10' | Aplicação de um jogo de Kim | TG | |
| | 30' | Comentários do jogo e explanação do assunto | PL | |
| | 5' | Conclusão | PL | |

Rudyard Kipling (1865-1936)

Joseph Rudyard Kipling foi um dos maiores escritores ingleses, Prêmio Nobel de Literatura em 1907.

Nasceu na Índia, foi educado na Inglaterra e passou por várias partes do mundo (inclusive o Brasil). Jornalista e escritor, foi um dos maiores apologistas do imperialismo e da “missão civilizadora do homem branco”.

De sua extensa obra, destacam-se: *The Jungle Book*, *Kim*, *The Man Who Would Be King* e *Just So Stories*.

Curiosidade: *O Livro da Jângal*, *Kim* e *O Homem que Queria Ser Rei* tiveram versões para o cinema (filmes ou animação)

A obra de Kipling como ferramenta educacional

Just So Stories: pequenas fábulas para contar às crianças na hora de dormir, contando mitos de origem ou apresentando exemplos morais. Dentre elas, pode-se citar: “Como a baleia ganhou sua garganta estreita”, uma exaltação à sagacidade do homem e um alerta contra a gula e a imprudência; “Como o leopardo ganhou suas manchas”, explicando o mimetismo animal e destacando a astúcia do homem e do leopardo; “Como o dromedário ganhou sua corcova”, um apólogo contra a preguiça e a falta de espírito cooperativo; “Como o elefante ganhou sua tromba”, uma lição sobre o excesso de ingenuidade e os abusos sobre os mais fracos.

O Livro da Jângal forneceu a base do fundo de cena do Ramo Lobinho.

Kim: uma obra de aventura que se encaixa no fundo de cena do Ramo Escoteiro.

Kim

O protagonista do livro era órfão, filho de uma indiana e do sargento irlandês Kimball O’Hara, do regimento dos Mavericks, cuja insígnia é um touro vermelho em campo verde.

Vivia em Lahore e era conhecido como “Amiguinho de Todo Mundo”.

Tinha roupas européias, mas vestia-se como hindu quando ia “aprontar”.

Na entrada do Museu de Lahore, travou conhecimento e começou a acompanhar um lama tibetano em peregrinação, que buscava um rio brotado do lugar em que caiu uma flecha lançada por Buda.

Tornou-se discípulo do lama e propôs-se viajar com ele, pelo gosto da aventura.

Kim prestava serviços diversos a Mahbub Ali, mercador de cavalos e agente da Inteligência britânica.

O contexto em que a história se desenrola é de rebeliões de reis locais e o “Grande Jogo” – disputa pelo controle da Ásia Central entre Rússia e Grã-Bretanha.

A primeira comissão de Kim no trabalho de Inteligência foi levar uma mensagem para um coronel em Umbala referente ao projetado levante de cinco reis. A chegada da informação permitiu ação oportuna das forças britânicas para impedir o levante.

Kim e o lama viajam de trem, travando conhecimento com diversos tipos humanos.

Percorrer a Grande Estrada do Hindustão foi uma aventura que teve por saldo conhecer uma rica dama, que seria de valioso auxílio ao lama e seu discípulo.

Kim tem um encontro com os Mavericks, que resulta em sua ida para a escola dos ingleses em Lucknow.

Por ocasião das férias, foi mandado por Mahbub Ali passar um período com Lurgan Sahib, em Simla, onde se viu às voltas com o seu treinamento para o trabalho de Inteligência: observação, disfarces, drogas, comunicações secretas.

A partir daí, Kim continuou viajando com o lama e paralelamente cumprindo as missões do Serviço de Inteligência – com direito ao socorro a um agente em risco, disfarçando-o.

Como cena do “Grande Jogo”, Kim protagonizou uma ação contra os espões russos nas montanhas.

O jogo de Kim

- Aprendizado para observação: detalhes e abrangência.
- Disciplina intelectual.
- Associação de idéias e memorização.
- Prática do “cumprimento das regras”.
- Variedade de aplicações: dos bancos escolares ao treinamento de astronautas.

O jogo de Kim no Ramo Lobinho

- Progressividade.
- Variedade de situações de aplicação: não apenas na sede, mas numa excursão, visita ou atividade em campo.
- Contextualizado num fundo de cena da Jângal.

Palavras finais

O jogo de Kim é uma valiosa ferramenta pedagógica.

Possui tantas variações quantas a imaginação mandar, atendendo aos cinco sentidos, às várias formas de pensamento associativo e às diversas inteligências.

**CURSO DE INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO
DO LIVRO DA JÂNGAL**

**No *ruk*, ou Mowgli, o
menino-lobo (uma história
de Mowgli adulto)**

(Extraída de *O homem que queria ser rei e outras histórias*. Edição do
Círculo do Livro)

No *ruk*

Rudyard Kipling

O Filho Único deitou-se outra vez e sonhou que estava tendo um sonho.
Com estalo de fagulha a última cinza no fogo se apagou,
E o Filho Único levantou-se outra vez e na escuridão clamou:
- Ora, nasci de mulher e ouvi da mãe acalanto?
Pois sonhei repousar em sombrio recanto.
E nasci de mulher e encontrei no pai defesas?
Pois sonhei achar refúgio em longas presas.
Ah, nasci de mulher e tive solitários brinquedos?
Pois sonhei com amigos mordendo-me em seus folguedos.
E mergulhei no leite o pão de cevada?
Pois sonhei com currais e carne crua estraçalhada.
Falta uma hora e falta uma hora para o anoitecer
Mas, como dia claro, pontos negros no chão posso ver!
É uma légua e uma légua até as Quedas do Lena
 onde o *sambhur* em tropel se vai reunir,
Mas a corça nova atrás da mãe balindo posso ouvir!
É uma légua e uma légua até as Quedas do Lena
 onde a seara e o planalto se vão encontrar,
Mas o vento quente e úmido que sopra no trigal posso cheirar!

Entre as engrenagens do serviço público que giram sob o governo da Índia, nenhuma é mais importante que o Departamento de Parques e Florestas. O reflorestamento de toda a Índia está em suas mãos, ou estará, quando o governo tiver dinheiro para gastar. Seus empregados lutam corpo a corpo com tempestades de areia e dunas errantes: cercam os lados com trançados de varas, contêm a frente, e fincam no alto grama e pinheiros, conforme instruções de Nancy. São responsáveis por toda a madeira das florestas estaduais dos Himalaias, assim como pelas despidas encostas que as monções arrastam para dentro dos leitos de rios secos e ravinas enxutas; e todos proclamam aos quatro ventos até que ponto pode chegar a falta de cuidado. Experimentam batalhões de árvores estrangeiras, forçam os eucaliptos a criarem raízes e, quem sabe, acabar com a febre do Canal. Nas planícies, sua tarefa principal é manter em bom estado os cinturões de pastagens que circundam as reservas florestais, de modo que, quando a seca chegar e o gado passar fome, possam liberar a reserva para os rebanhos e permitir que os próprios aldeões catem gravetos. Abastecem de carvão as estradas de ferro que não possuem combustível próprio; calculam os lucros das planícies até cinco casas decimais; são os médicos e parteiros das imensas florestas de teca na Alta Birmânia, de borracha nas matas orientais, e de carvalho no sul; e são sempre tolhidos pela falta de verbas.

Entretanto, como essa atividade leva o funcionário florestal para longe das estradas e das estações ferroviárias, ele cresce em sabedoria, aprendendo não apenas a identificar os tipos de madeira, mas também a conhecer o povo e a organização da selva; encontrando tigres, ursos, leopardos, lobos e toda a família dos cervos, não ocasionalmente, após dias de batida, mas com frequência, no cumprimento de seu dever. Ele passa muito tempo sobre a sela ou sob a lona – amigo das árvores recém-plantadas, colega de incultos guardas-florestais e cabeludos trilheiros – até que os

Curso de Interpretação e Aplicação do livro da Jângal

cuidados tornam-se visíveis, e os bosques, por sua vez, nele imprimam sua marca. É então que desiste das maliciosas canções francesas que aprendeu em Nancy, e passa a cultivar o silêncio da mata.

Gisborne, dos Parques e Florestas, passara quatro anos no departamento. A princípio gostou daquilo sem procurar compreender, porque lhe permitia viver ao ar livre montado num cavalo, e lhe dava autoridade. Depois, detestou furiosamente, e teria dado o salário de um ano por um mês de convívio com o que a Índia oferece. Passada a crise, as florestas o envolveram novamente e ele se contentou em servi-las, em aprofundar e ampliar suas pastagens, em observar a nuvem verde de uma nova plantação em contraste com as velhas folhagens, em dragar o ribeirão obstruído, e em acompanhar e fortalecer a última batalha da floresta para não sucumbir ao capinzal. Em dias parados, aquela grama incendiava-se e uma centena de animais fugia correndo diante das chamas pálidas do meio-dia. Mais tarde, a floresta voltava a se arrastar sobre o terreno enegrecido em filas ordenadas de árvores novas, e Gisborne, apreciando, alegrava-se. Seu bangalô, uma casa rústica de paredes brancas e telhado de sapé, com dois quartos, estava situado em uma das extremidades do grande *ruk*, tendo-o por paisagem. Não precisava cultivar um jardim, pois o *ruk* chegava até sua porta, subindo em touceiras de bambu; ele ia da varanda até seu núcleo sem utilizar qualquer transporte.

Abdul Gafur, seu gordo copeiro maometano, atendia-o quando ele estava em casa, e passava o resto do tempo mexericando com o pequeno bando de empregados nativos, cujas choupanas ficavam atrás do bangalô. Havia dois cavaleiros, um cozinheiro, um carregador de água e um faxineiro. Gisborne limpava suas próprias armas e não tinha cachorro. Os cães afugentavam a caça, e agradava-lhe poder dizer aonde os vassallos de seu reino iriam beber ao nascer da lua, comer ao crepúsculo e descansar no calor do dia. Os trilheiros e guardas-florestais viviam em pequenas choupanas distantes, no interior do *ruk*, aparecendo apenas quanto um deles tivesse sido machucado por uma árvore que caíra ou algum animal selvagem. Portanto, Gisborne estava só.

Na primavera, o *ruk* produzia poucas folhas novas, mas permanecia seco e imóvel, não atingido pelas estações do ano, à espera da chuva. Apenas ouviam-se então mais gritos e rugidos na escuridão das noites calmas; o tumulto de uma luta cerrada entre tigres, o berro de algum cervo arrogante, ou o estalar da madeira produzido por um velho javali afiando sua presa em um tronco de árvore. Gisborne abandonara totalmente sua arma, pois, para ele, era pecado matar. No verão, durante o escaldante calor de maio, o *ruk* cambaleava na bruma, e Gisborne aguardava o primeiro sinal de espirais de fumaça denunciando um incêndio florestal. Depois, vinham as chuvas com estrondo, e o *ruk* mergulhava em sucessões de névoa morna, as folhas largas fazendo ressoar na noite os pingos grossos; havia um ruído constante de água corrente, de plantas suculentas rompendo-se com as rajadas de vento; e os relâmpagos riscavam o céu por trás do denso emaranhado de folhagem, até que o sol escapulia novamente e o *ruk* voltava os flancos fumegantes para o céu recém-lavado. Então, o calor e o frio seco reduziam tudo outra vez à cor do tigre. Assim Gisborne aprendeu a conhecer seu *ruk* e era muito feliz. Seu pagamento vinha todos os meses, mas necessitava pouco de dinheiro. As notas se acumulavam na gaveta onde guardava as cartas de sua terra. Se tirava alguma coisa, era para fazer uma aquisição no Jardim Botânico de Calcutá, ou pagar à viúva de um guarda-florestal uma quantia, que o governo da Índia custava a liberar, pela morte de seu marido.

O salário era bom, mas exigia bastante em troca, e ele fazia por merecê-lo. Uma noite, um mensageiro exausto e ofegante chegou com a notícia de que um guarda-florestal jazia morto junto ao ribeirão Kani, com parte da cabeça esmagada como se fosse uma casca de ovo. Gisborne saiu de madrugada para procurar o assassino. Apenas os viajantes e, vez por outra, jovens soldados são

conhecidos pelo mundo como grandes caçadores. Os funcionários florestais consideram a caça uma rotina diária e ninguém lhe dá maior importância. Gisborne foi a pé ao local da chacina: a viúva se lamentava junto ao cadáver sobre um enxergão, enquanto dois ou três homens examinavam pegadas no terreno úmido.

- É o Vermelho – disse um homem. – Sabia que, mais cedo ou mais tarde, ele se voltaria contra o homem, mas sem dúvida há caça suficiente para todos. Isso deve ter sido feito por perversidade.

- O Vermelho fez sua toca nas rochas, por trás dos salgueiros – disse Gisborne. Ele conhecia o tigre sob suspeita.

- Agora não, *sahib*, agora não. Ele deve estar furioso vagando de um lado para o outro. Lembrai-vos de que a primeira morte prenuncia sempre morte tripla. Nosso sangue o leva à loucura. Ele pode estar nos espreitando neste momento, enquanto conversamos.

- Ele deve ter ido para a choupana mais próxima – disse o outro. – São só quatro *koss*. Encarregado, quem é ele?

Gisborne voltou-se com os outros. Um homem caminhava pelo leito seco do ribeirão, vestido apenas com uma tanga, mas coroado por uma guirlanda de flores brancas de trepadeira. Tão silenciosamente moveu-se sobre os pequenos seixos, que mesmo Gisborne, habituado ao pisar macio, assustou-se.

- O tigre assassino – começou ele sem qualquer cumprimento – foi beber e agora dorme sob a rocha atrás daquela colina.

Sua voz era clara e metálica, totalmente diferente dos gemidos comuns dos nativos, e sua face, quando ele a mostrou à luz do sol, poderia ser a de um anjo extraviado nos bosques. A viúva cessou seu lamento junto ao cadáver e olhou fixamente para o estranho, retornando à sua tarefa com redobrada energia.

- Devo conduzir o *sahib*? – disse simplesmente.

- Se tiveres certeza... – começou Gisborne.

- Certeza absoluta. Vi-o há apenas uma hora... o cão. Ainda não é tempo de ele voltar a comer carne humana. Há uma dúzia de dentes firmes naquela cabeça diabólica.

Os homens ajoelhados sobre as pegadas retiraram-se sorratamente, com medo de que Gisborne os chamasse para acompanhá-lo, e o jovem riu consigo mesmo.

- Vinde, *sahib* – gritou ele, e voltou-se, caminhando à frente do grupo.

- Mais devagar. Não posso seguir teu passo – disse o homem branco. – Alto aqui. Teu rosto é novo para mim.

- Assim deve ser. Cheguei recentemente a esta floresta.

- Vindo de que aldeia?

- Não venho de aldeia. Venho de lá. – Moveu o braço em direção ao norte.

- Um cigano, então?

- Não, *sahib*. Sou homem sem casta e, por essa razão, sem pai.

- Como os homens te chamam?

- Mowgli, *sahib*. E qual é o nome do *sahib*?

- Sou administrador deste *rukhi*; meu nome é Gisborne.

- Como? Aqui se dão números às árvores e às placas de grama?

- Isso mesmo; a menos que os ciganos como tu as lancem ao fogo.

- Eu? Não faria mal à selva por nada no mundo. Este é o meu lar.

Voltou-se para Gisborne com um sorriso irresistível e levantou uma das mãos em sinal de aviso.

- Agora, *sahib*, devemos ir mais quietos. Não é preciso despertar o cão, embora ele durma profundamente. Talvez fosse melhor eu caminhar sozinho na frente e guiá-lo na direção do vento até o *sahib*.

- Alá! Desde quando os tigres são guiados de um lado para outro como gado por homens nus? – disse Gisborne, pasmado diante da audácia do homem.

Tornou a rir delicadamente.

- Vinde comigo e atirai nele como é vosso costume, com o grande rifle inglês.

Gisborne seguiu a pista de seu guia, torceu-se, rastejou, galgou, curvou-se e sofreu todas as muitas agonias de uma aproximação furtiva na selva. Já estava arroxeadado e gotejando suor quando Mowgli afinal pediu-lhe que levantasse a cabeça e espiasse por sobre uma rocha crestada próxima a um pequeno poço na colina. Junto da água estava o tigre, estirado e acomodado, lambendo-se preguiçosamente para limpar mais uma vez sua enorme perna e a pata dianteira. Era velho, de dentes amarelos, esquelético, mas, naquela posição e à luz do sol, bastante imponente.

Gisborne não tinha a pretensão de praticar esporte ao lidar com um devorador de homens. Aquele era um animal indesejável, e precisava ser morto o mais rápido possível. Esperou até recobrar o fôlego, descansou o rifle na rocha e assobiou. A cabeça da fera voltou-se a menos de seus metros da boca do rifle, e Gisborne acertou os tiros, profissionalmente, um atrás do ombro e outro pouco abaixo do olho. Àquela distância, a pesada ossatura não o protegeu das balas dilacerantes.

- Bem, não compensaria guardar a pele, de qualquer maneira – disse ele, quando a fumaça se dispersou e o animal caiu escoiceando e arfando na última agonia.

- Morte de cão para um cão – disse Mowgli calmamente. – Na verdade, não há nada em tal carniça que valha a pena ser levado.

- Os bigodes. Tu não tiras os bigodes? – disse Gisborne, que sabia como os trilheiros davam valor a esse tipo de coisa.

- Eu? Sou um piolhento *shikarri* da selva para revolver o focinho de um tigre? Eis que chegam seus amigos.

Uma águia baixando piou estridente, enquanto Gisborne recolhia as cápsulas vazias e enxugava o rosto.

- E se não és um *shikarri*, onde adquiriste o conhecimento do mundo dos tigres? – disse ele. – Nenhum trilheiro o teria feito melhor.

- Odeio todos os tigres – disse Mowgli decididamente. – Deixai-me, *sahib*, carregar vossa arma. Oh, é excelente! E para onde vai o *sahib* agora?

- Para minha casa.

- Posso acompanhar-vos? Nunca vi antes o interior da casa de um homem branco.

Gisborne retornou ao seu bangalô, com Mowgli dando passadas silenciosas adiante dele, sua pele morena cintilando à luz do sol.

Ele olhou curioso a varanda com suas duas cadeiras, tocou desconfiado as cortinas de tiras de bambu, e entrou, sempre olhando para trás. Gisborne baixou uma cortina para vedar a entrada do sol. Ela desceu com estrondo, mas, quase antes que tocasse a laje da varanda, Mowgli fugiu de um salto, e parou com o peito arquejante ao ar livre.

- É uma armadilha.

Gisborne riu.

- Homens brancos não prendem outros homens em armadilhas. Sem dúvida pertences à selva.

- Vejo – disse Mowgli – que ela não prende nem cai. Eu... eu nunca presenciei tais coisas até o dia de hoje.

Entrou na ponta dos pés e observou de olhos muito abertos a mobília dos dois cômodos. Abdul Gafur, que lavava a louça do almoço, encarou-o com profunda repugnância.

- Tanto trabalho para comer, e tanto trabalho para arrumar as coisas depois de comer! – disse Mowgli com um sorriso aberto. – Fazemos melhor na selva. É maravilhoso. Aqui há muitas coisas de valor. O *sahib* não tem medo de ser roubado?

Ele apreciava uma travessa empoeirada de bronze de Benares sobre um suporte vacilante.

- Só um ladrão da selva haveria de roubar aqui – disse Abdul Gafur, baixando um prato com ruído.

Mowgli abriu seus grandes olhos e observou o maometano de barbas brancas.

- Em meu país, quando os gansos grasnam muito alto, cortamos-lhes a garganta – devolveu ele de bom grado. – Mas não tenhas medo, tu. Vou-me embora.

Voltou-se e desapareceu no *ruk*. Gisborne ainda o procurou com uma risada que terminou em suspiro. Não acontecia muita coisa fora da rotina ali, e aquele filho da selva, que parecia conhecer tigres como outras pessoas conhecem cães, fora uma distração.

"É um companheiro maravilhoso", pensou Gisborne, "e se assemelha às ilustrações do *Dicionário clássico*. Gostaria de tê-lo como ajudante de caça. Não é divertido caçar sozinho, e esse rapaz é um *shikarri* perfeito. Gostaria de saber exatamente quem ele é."

Aquela noite, sentou-se na varanda sob as estrelas, fumando enquanto pensava. Uma baforada desprende-se do cachimbo em espiral. Ao se dissipar, deu-se conta da presença de Mowgli, sentado de braços cruzados a um canto da varanda. Um fantasma não chegaria em maior silêncio. Gisborne assustou-se e deixou cair o cachimbo.

- Não existe um homem com quem se possa conversar no *ruk* - disse Mowgli. - Portanto, vim para cá.

Apanhou o cachimbo e devolveu-o a Gisborne.

- Ah - falou Gisborne após uma longa pausa. - Quais são as novidades do *ruk*? Encontras-te outro tigre?

- Os *nilghai* mudam de pasto com a lua nova, como de costume. Os javalis agora se alimentam próximo ao rio Kani, porque não o fariam junto com os *nilghai*, e uma das javalinas foi morta por um leopardo no capinzal da nascente do rio. Não sei de mais nada.

- E como soubeste de todas essas coisas? - perguntou Gisborne, inclinando-se para a frente e olhando nos olhos que faiscavam à luz das estrelas.

- Como não saberia? Os *nilghai* têm seus hábitos, e até uma criança sabe que os javalis não se alimentam junto deles.

- Eu não sabia disso - disse Gisborne.

- Hum! E sois o encarregado, segundo me disseram os homens das choupanas, o encarregado de todo esse *ruk*. - Riu para si mesmo.

- Basta de história de crianças - replicou Gisborne, irritado ao extremo. - Dizer que no *ruk* acontece isso e aquilo. Ninguém poderá te contradizer.

- Quanto à carcaça da javalina, mostrar-vos-ei os ossos amanhã - respondeu Mowgli impassível. - No que diz respeito aos *nilghai*, se o *sahib* sentar-se aqui bem quieto, guiarei um *nilghai* até este local e, se ouvir com atenção, o *sahib* poderá dizer de onde veio aquele *nilghai*.

- Mowgli, a selva levou-te à loucura - afirmou Gisborne. - Quem pode guiar um *nilghai*?

- Silêncio... sentai-vos em silêncio. Já vou.

- Céus, o homem é um fantasma! – disse Gisborne, pois Mowgli esvaneceu-se na escuridão sem que se ouvisse o som de seus passos.

O *ruk* jazia em envoltórios aveludados sob o brilho inconstante das nebulosas, tão silencioso que a mínima brisa sobre as copas das árvores elevava-se como o ressonar de uma criança adormecida. Abdul Gafur, na cozinha, empilhava pratos.

- Faze silêncio, aí! – gritou Gisborne, e preparou-se para ouvir, como alguém habituado à quietude do *ruk*. Ele costumava, para preservar sua dignidade no isolamento, vestir-se para o jantar de todas as noites, e o peitilho engomado estalou com sua respiração regular até ele mudar de posição, inclinando-se ligeiramente. Depois, o fumo do cachimbo um tanto obstruído começou a ronronar, e ele se desfez do cachimbo. Agora, com exceção da aragem noturna no *ruk*, tudo estava mudo.

De uma distância inconcebível, arrastando-se pela escuridão incomensurável, veio o débil eco do uivo de um lobo. Depois, silêncio novamente durante o que pareceram longas horas. Afinal, quando duas pernas tinham perdido toda a sensibilidade, Gisborne ouviu algo que poderia ser um estalido ao longe, atrás das moitas. Não quis acreditar até se repetir outra vez e outra vez.

- Vem do oeste – sussurrou. – Ouço passos vindo dali.

O ruído aumentou, estalo a estalo, arremetida a arremetida, com o rouco grunhido de um *nilghai* fugindo em pânico sem reparar no rumo que tomava.

Uma sombra tropeçou por entre os trocos das árvores, mudou de direção, voltou grunhindo e, com um estrondo no chão aberto, exibiu-se quase ao alcance de sua mão. Era um *nilghai* macho, gotejando orvalho: das vergonhas pendia uma cauda de plantas rasteiras arrancadas, os olhos cintilando com a luz da casa. A criatura parou subitamente com o olhar do homem, e escapou para o lado do *ruk* até se dissolver na escuridão. A primeira impressão na mente atordoada de Gisborne foi a obscenidade de arrastar assim para uma inspeção o grande macho negro do *ruk*; forçar seus passos na noite por um caminho que ele deveria escolher por si mesmo.

Então, disse uma voz suave em seu ouvido, enquanto ele parava, admirado:

- Veio da nascente, onde liderava a manada. Do oeste ele veio. Agora o *sahib* acredita, ou devo trazer toda a manada para ser contada? O *sahib* é o encarregado desse *ruk*.

Mowgli voltou a sentar-se na varanda, respirando mais rapidamente. Gisborne olhou-o, boquiaberto.

- Como fizeste isso? – perguntou.

- O *sahib* viu. O macho foi trazido, trazido como um búfalo. Ah! Ah! Terá uma boa história para contar quando voltar à manada.

- Esse ardil é novo para mim. Podes então correr à mesma velocidade que o *nilghai*?

- O *sahib* viu. Se o *sahib* necessitar, a qualquer momento, de maiores informações sobre os movimentos da caça, eu, Mowgli, aqui estarei. Esse é um bom *ruk*, e ficarei.

- Fica, então, e se tiveres necessidade, a qualquer momento, de uma refeição, meus criados servi-la-ão.

- Sim, na verdade, aprecio comida cozida – respondeu Mowgli ligeiro. – Ninguém pode dizer que não como comida cozida e assada como os outros homens. Virei para a refeição. Agora, de minha parte, prometo que o *sahib* dormirá em segurança durante a noite, e que nenhum ladrão entrará para levar seus tesouros.

A conversa terminou por si com a abrupta partida de Mowgli. Gisborne continuou sentado fumando, e concluiu que Mowgli era aquele perfeito guarda-florestal que ele e o departamento sempre haviam procurado.

- Devo colocá-lo a serviço do governo, seja como for. Um homem capaz de guiar um *nilghai* deve conhecer mais o *ruk* que cinquenta homens. Ele é um milagre, um *lusus naturae*, mas pode ser um grande guarda-florestal, bastando apenas fixar-se em um local – disse Gisborne.

Curso de Interpretação e Aplicação do livro da Jângal

A opinião de Abdul Gafur era menos favorável. Confidenciou a Gisborne antes de se deitar que estranhos vindos de Deus-sabe-onde eram com toda a certeza ladrões profissionais, e que pessoalmente não aprovava esses párias nus que não sabiam a maneira adequada de se dirigir às pessoas brancas. Gisborne riu e mandou-o para seus aposentos, e Abdul Gafur retirou-se resmungando. Tarde da noite, ele levantou-se e espancou a filha de treze anos de idade. Ninguém soube o motivo da discussão, mas Gisborne ouviu os gritos.

Nos dias que se seguiram, Mowgli chegava e saía como uma sombra. Estabelecera-se, bem como a sua primitiva residência, próximo do bangalô, mas do lado do *ruk*, onde Gisborne, saindo à varanda para respirar ar fresco, o via às vezes sentado ao luar, a testa nos joelhos, ou estirado sobre um galho de árvore, colado a este como um animal noturno. Dali Mowgli enviava-lhe uma saudação e pedia-lhe para dormir à vontade; ou, descendo, contava histórias prodigiosas sobre os costumes dos animais do *ruk*. Certa vez, passeando pelas estrebarias, foi encontrado observando os cavalos com profundo interesse.

- Isso – disse Abdul Gafur incisivo – é um sinal seguro de que algum dia roubará um deles. Por que, já que vive perto desta casa, não obtém um emprego honesto? Mas não, ele precisa vagar para cima e para baixo como um camelo desgarrado, virando a cabeça dos tolos e expondo os imprudentes às garras da loucura.

Assim sendo, Abdul Gafur dava ordens ríspidas a Mowgli quando se encontravam, pedia-lhe para buscar água e depenar aves, e Mowgli, rindo despreocupado, obedecia.

- Ele não pertence a nenhuma casta – disse Abdul Gafur. – Fará qualquer coisa. Uma serpente é uma serpente, e um cigano da selva é um ladrão até a morte.

- Cala-te, então – disse Gisborne. – Admito que continues com teu serviço se não fizeres muito ruído, pois conheço teus usos e costumes. Os meus, tu não os conheces. O homem, sem dúvida, é um pouco louco.

- Na verdade, bastante louco – disse Abdul Gafur. – Mas veremos o que acontecerá.

Poucos dias mais tarde, Gisborne resolveu penetrar no *ruk* por três dias. Abdul Gafur, por ser velho e gordo, foi deixado em casa. Ele não aprovava freqüentar choupanas de trilheiros, e costumava recolher contribuições, em nome de seu patrão, sob a forma de cereais, azeite e leite, daques que a custo podiam arcar com tais ônus. Gisborne saiu a cavalo de madrugada, um pouco aborrecido por seu homem dos bosques não estar na varanda para acompanhá-lo. Gostava dele: gostava de sua força, ligeireza, os passos silenciosos, e seu constante sorriso aberto; sua ignorância de todas as formas de cerimônia e saudações, e das histórias infantis que contava (e nas quais Gisborne agora acreditava) sobre o que a caça fazia pelo *ruk*. Após uma hora de cavalgada entre a folhagem, ouviu atrás de si um farfalhar e o passo apressado de Mowgli para saudá-lo.

- Temos pela frente trabalho para três dias – disse Gisborne – junto às árvores novas.

- Bom – disse Mowgli. – Sempre é bom acariciar árvores jovens. Elas crescerão se as feras deixarem. Precisamos transferir os javalis novamente.

- Novamente? Como? – Gisborne sorriu.

- Ah, eles estavam revolvendo o solo e desenterrando os salgueiros novos a noite passada, e eu os afugentei. Por essa razão não estava na varanda pela manhã. Os javalis não podem ficar desse lado do *ruk* de maneira nenhuma. Devemos mantê-los além da nascente do rio Kani.

- Quem pastoreia tudo que lhe aparece pela frente podem bem fazê-lo. Mas, Mowgli, se, como dizes, és pastor no *ruk* sem nada ganhares em troca, sem pagamento...

- É o *ruk* do *sahib* – disse Mowgli, elevando rapidamente o olhar.

Gisborne balançou a cabeça em agradecimento e continuou:

- Não seria melhor trabalhar por pagamento do governo? Há uma pensão ao final de longo serviço.

- Pensei nisso – disse Mowgli -, mas os guardas-florestais vivem em choupanas de portas fechadas, e tudo isso é mais uma cilada para mim. De qualquer forma, pensarei...

- Pensa bem, pois, e fala-me mais tarde. Ficaremos aqui para o desjejum.

Gisborne desmontou do cavalo, tomou a refeição da manhã de seu rude farnel e viu o dia clarear acima do *rukh*. Mowgli deitou-se na relva a seu lado, contemplando o céu.

Logo sussurrou com indolência:

- *Sahib*, há alguma ordem no bangalô para sair com a égua branca hoje?

- Não, já é velha, gorda e, além disso, um pouco manca. Por quê?

- Pois está sendo montada agora, e *nada* devagar, na estrada que vai dar na ferrovia.

- Bah, são dois *koss* de distância.

Mowgli levou a mão aos olhos para que o sol não lhe atingisse a vista.

- A estrada faz uma grande curva depois do bangalô. O larápio não deve estar a mais de um *koss*, no máximo, e faz tanto ruído que assusta os pássaros. Vamos ver?

- Que insensatez! Correr um *koss* sob este sol para ouvir um ruído na floresta.

- Não, a égua é a égua do *sahib*. Falei apenas em trazê-la até aqui. Se não for a égua do *sahib*, não tem importância. Se for, o *sahib* pode fazer o que melhor lhe convier. Sem dúvida, está sendo duramente maltratada.

- E como a trará até aqui, louco?

- O *sahib* se esqueceu? Pelo caminho do *nilghai*, e nenhum outro.

- Levanta, então, e corre, se estás tão cheio de zelo.

- Ah, eu não corro!

Ergueu a mão em sinal de silêncio, e, sempre deitado de costas, chamou três vezes em voz alta, com um grito profundo e gutural que era novo para Gisborne.

- Ela virá – disse ao terminar. – Esperemos na sombra.

Os longos cílios baixaram sobre os olhos selvagens, enquanto Mowgli começou a cochilar na calada da manhã. Gisborne esperou pacientemente. Mowgli era, sem dúvida, louco, mas uma companhia tão divertida quanto poderia desejar um solitário funcionário da floresta.

- Ah! Ah! – disse Mowgli preguiçosamente, de olhos cerrados. – Ele caiu. Bem, primeiro chegará a égua depois o homem.

Então bocejou, enquanto o pônei reprodutor de Gisborne relinchava. Três minutos mais tarde, a égua branca, com sela e bridão, mas sem cavaleiro, irrompeu na clareira onde se encontravam e correu para seu companheiro.

- Não está muito quente – disse Mowgli -, mas, com esse calor, o suor aparece rápido. Logo veremos seu cavaleiro, pois um homem anda mais devagar que um cavalo, principalmente quando é um homem gordo e velho.

- Alá! Isto é obra do Demônio – gritou Gisborne, pondo-se de pé de um salto, ao ouvir um brado na selva.

- Não vos preocupeis, *sahib*. Ele não sairá ferido. Também ele dirá que é obra do Demônio. Ah! Ouvi! Quem é aquele?

Era a voz de Abdul Gafur na agonia do terror, clamando por coisas desconhecidas que poupassem a ele e aos seus cabelos grisalhos.

- Não, não posso mover-me um passo – gemia. – Estou velho e perdi meu turbante. Arre! Arre! Mas hei de me mover. Na verdade, vou me apressar. Correrei! Oh, demônios do inferno, sou um muçulmano!

A vegetação rasteira partiu-se e soltou Abdul Gafur, sem turbante, sem sapatos, com a blusa solta, lama e capim em suas mãos crispadas, e o rosto arroxeadado. Viu Gisborne, gemeu novamente, e projetou-se, exausto e trêmulo, a seus pés. Mowgli observava-o com um sorriso delicado.

- Não há motivo para riso – disse Gisborne com severidade. – O homem parece estar à morte, Mowgli.

- Não morrerá. Está apenas amedrontado. Não havia necessidade de sair a passeio.

Abdul Gafur gemeu e levantou-se, sacudindo todos os membros.

- Foi bruxaria... bruxaria e satanismo! – soluçou, batendo desajeitadamente no peito. – Por causa de meus pecados fui açoitado nos bosques pelos demônios. Tudo está terminado. Arrependo-me. Tomai *sahib*.

Estendeu um rolo de papel ensebado.

- Que significa isto, Abdul Gafur? – disse Gisborne, já sabendo o que viria.

- Colocai-me na prisão-khana; as notas estão todas aqui, mas trancai-me em segurança, para que os demônios não me possam acompanhar. Pequei contra o *sahib* e seu sal que comi; e, se não fosse por esses malditos demônios do bosque, teria comprado terras longínquas e vivido em paz pelo resto dos meus dias.

Batia a cabeça no solo na agonia do desespero e da mortificação. Gisborne desenrolou o maço de notas. Eram seus salários acumulados nos últimos nove meses: o rolo que ficava na gaveta com as cartas que lhe mandavam. Mowgli observava Abdul Gafur, rindo silencioso para si mesmo.

- Não é necessário colocar-me outra vez no cavalo. Caminharei de volta à casa, devagar, junto ao *sahib*, e depois ele poderá me enviar sob escolta para a prisão-khana. O governo impõe muitos anos para esse crime – disse o copeiro, taciturno.

A solidão do *ruk* afeta muitas idéias a respeito de várias coisas. Gisborne olhava Abdul Gafur, lembrando-se de que era excelente criado, de que um novo copeiro deveria ser treinado nos hábitos da casa desde o início, e que o melhor seria um novo rosto e uma nova língua.

- Ouve, Abdul Gafur – disse ele. – Fizeste mal, e perdeste totalmente teu *izzat* e tua reputação. Mas creio que isso te acometeu de súbito.

- Alá! Nunca antes cobicei esse dinheiro. O Demônio me pegou de surpresa quando me descuidei.

- Também nisso posso acreditar. Retorna, pois, a minha casa e, na volta, enviarei as notas ao banco por um mensageiro, e nada mais será dito sobre o assunto. Tu estás velho demais para a prisão-khana. Além disso, tua família é inocente.

Em resposta, Abdul Gafur soluçava entre as botas de equitação de couro de vaca.

- Então não haverá demissão? – indagou.

- Isso veremos. Dependerá de tua conduta ao retornarmos. Sobe na égua e volta devagar.

- Mas os demônios! O *ruk* está cheio de demônios.

- Não importa, meu pai. Eles não te causarão mais dano, a menos é claro, que as ordens do *sahib* não sejam obedecidas – disse Mowgli. – Então, quiçá, eles te conduzirão até a casa... pelo caminho do *nilghai*.

O maxilar inferior de Abdul Gafur caiu, enquanto ele ajeitava a camisa, olhando Mowgli fixamente.

- São demônios *dele*? Seus demônios! E eu que pensava em voltar e colocar a culpa neste feiticeiro!

- Foi bem pensado, Huzrut; mas, antes de construir uma armadilha, é melhor ver o tamanho da caça. Pensei que esse homem apenas tirara um cavalo do *sahib*. Não imaginei que pretendesse me

fazer passar por ladrão, ou meus demônios o arrastariam até aqui pela perna. Agora não, é tarde demais.

Mowgli olhou inquiridor para Gisborne, mas Abdul Gafur caminhou apressado na direção da égua branca, estatelou-se em seu lombo e fugiu, os cascos chocalhando e ecoando atrás de si.

- Foi bem feito – disse Mowgli. – Mas cairá novamente, a menos que se segure na crina.

- Já é tempo de me contar o que significa tudo isso – disse Gisborne um pouco ríspido. – O que quer dizer essa conversa de teus demônios? Como podem os homens ser guiados para cima e para baixo no *ruk* como gado? Dá-me uma resposta.

- O *sahib* está zangado porque lhe poupei seu dinheiro?

- Não, mas há um artil nisso tudo que não me agrada.

- Muito bem. No entanto, se eu me levantar e der três passos *ruk* adentro, ninguém, nem mesmo o *sahib*, poderá me encontrar, até eu decidir o contrário. Como não faria isto voluntariamente, não contaria voluntariamente. Tende um pouco de paciência, *sahib*, e algum dia mostrar-vos-ei tudo, pois se desejardes guiaremos juntos os cervos. Não há qualquer tipo de satanismo no fato. Apenas... conheço o *ruk* como alguém conhece a cozinha de sua própria casa.

Mowgli falava como falaria a uma criança impaciente. Gisborne, confundido, frustrado e bastante aborrecido, nada disse; só fitava o solo e pensava. Quando levantou os olhos, o homem dos bosques se fora.

- Não é bom – disse uma voz uniforme vinda da mata – zangar-se com os amigos. Aguardai o anoitecer, *sahib*, quando o ar refresca.

Abandonado assim à própria sorte, deixado como estava no coração do *ruk*, Gisborne praguejou, depois riu, remontou e prosseguiu seu caminho. Visitou a choupana de um trilheiro, supervisionou duas novas plantações, deu algumas ordens quanto à queima de um canteiro de relva seca e designou para acampamento um terreno de sua própria escolha, uma pilha de rochas lascadas, toscamente coberta de galhos e folhas, não distante das margens do rio Kani. O crepúsculo já descia quando avistou seu local de descanso, e o *ruk* despertava para uma voraz e calada vida noturna.

Uma fogueira bruxuleava no outeiro, e havia no ar o odor de um bom jantar.

- Hum – disse Gisborne -, é melhor que uma refeição fria, pelo menos. Ora, o único homem que poderia estar aqui nesse momento seria Muller, e, oficialmente, ele deve estar inspecionando o *ruk* de Changamanga. Suponho ser esta a razão de ele estar em meu terreno.

O gigantesco alemão que era o chefe dos parques e florestas de toda a Índia, trilheiro-chefe da Birmânia e Bombaim, tinha o costume de voar como morcego, sem aviso, de um lado a outro, e aparecer exatamente no local em que era menos esperado. Sua teoria era a de que as visitas repentinas, a descoberta das deficiências, e as repreensões verbais aos subordinados valiam infinitamente mais que o lento processo de correspondência que deveria terminar em reprimenda oficial, com peso negativo na documentação trabalhista de um funcionário florestal. Conforme ele explicava:

- Ze eu falar zimplezmente com meus rapazes como um tio alemão, eles dirão: “Foi zó o maldito felho Muller”, e farrão melhor da próxima fez. Mas ze meu lardo zecretário escrefer e dizer que Muller, *der* inspector-gerral, deixou de entender e está muito aborrezido, primeiro, não é bom porque não estou lá e, zegundo, o idiota que fier depois de mim pode dizer aos meus melhores rapazes: “Olha aqui, foste repreendido por meu antezessor”. Digo-te que os grandes generrais não fazem as árforrer crezerrem.

A voz profunda de Muller surgiu da escuridão por trás da luz do fogo, enquanto ele se inclinava sobre o ombro de seu cozinheiro favorito.

- Não põe molho demais, zeu filho de Belial! O molho inglês, é um condimento, e não um combustível. Ah, Gisborne, fieste parra um pézimo jantar. Onde é teu acampamento? – E subiu para cumprimentá-lo.

- Estou no acampamento, senhor – disse Gisborne. – Não sabia que estáveis aqui.

Muller olhou para a figura elegante do jovem.

- *Gut!* É muito bom! Um cafalo e comida frio. Quando eu erra jovem acampava azim. Agorra jantarrás comigo. Entrei na zede parra fazer meu relatórrio no mês pazado. Redigi a metade, ho! ho!, o resto deixei parra meu zecretário, e zaí a pazeio. *Der* goferno está louco por ezes relatórrios. Eu dize isto ao vize-rei em Zimla.

Gisborne deu um risinho tolo, lembrando-se das muitas histórias contadas sobre os conflitos de Muller com o governo supremo. Ele era o libertino mais privilegiado de todos os departamentos, pois como funcionário florestal não tinha semelhante.

- Ze eu te encontraze, Gisborne, zentado em teu bangalô infentando relatórios zobre as plantazões, em fez de correr pelas plantazões, transferrir-te-ia parra o meio do deserto de Bikaner parra reflorestar *o deserto*. Estou canzado de relatórrios e papéis penzados, quando há tanto trabalho por fazer.

- Não há muito perigo de que eu venha a perder meu tempo com os anuários. Detesto-os tanto quanto vós, senhor.

A partir daí, a conversa tomou o rumo dos assuntos profissionais. Muller tinha perguntas a fazer, e Gisborne ordens e sugestões a receber, até que o jantar ficou pronto. Foi a refeição mais civilizada que gisborne fez durante meses. Nem a distância das fontes de abastecimento intervinha no trabalho do cozinheiro de Muller; e a mesa desdobrada em fartura iniciou-se com pequenos peixes de água doce temperados, e terminou com café e conhaque.

- Ah! – disse Muller ao final, com um suspiro de satisfação, ao acender um charuto e atirar-se em sua já gasta cadeira de campanha. – Quando fazo meus relatórrios, zou um lifre-penzador e ateu, mas, aqui no *ruk*, zou mais que cristão. Zou pagão também.

Rolou com sensualidade a ponta do charuto sob a língua, deixou cair as mãos sobre os joelhos, e contemplou diante de si o obscuro e cambiante coração do *ruk*, pleno de ruídos furtivos; o estalido dos galhos e o estalido do fogo; o sussurro e o farfalhar de um galho recurvado pelo calor recobrando sua forma na noite fresca; o incessante murmurar do ribeirão Kani, e o piar dos habitantes da relva dos planaltos que se perdiam de vista atrás de uma saliência na colina. Soprou uma grossa baforada de fumaça e começou a citar Heine para si mesmo.

- Zim, é muito bom. Muito bom. “Zim, operro milagres e, por Deus, eles ocorrem.” Lembrome de quando não hafia um *ruk* maior que a palma da tua mão, daqui até as plantações, e na época da zeca o gado comia carcazas aqui e ali. Agorra, as árforres foltarram. Forram plantadas por um lifre-penzador, porque zabemos que apenas a causa não produz efeito. Mas as árforres cultuam os antigos deuses, “e os deuses cristãos clamam inzistentemente”. Eles não podem fifer no *ruk*, Gisborne.

Uma sombra moveu-se em uma das trilhas dos cavalos. Moveu-se e saiu para a luz das estrelas.

- Eu dize a ferdade. Eis que o próprio fauno feio fer *der* inspetor-geral. *Himmel*, é o deus! Vê!

Era Mowgli, coroado com sua guirlanda de flores brancas, apoiando-se em um ramo desfolhado. Era Mowgli, muito desconfiado da luz da fogueira e pronto a fugir de volta à mata ao menor sinal de alarme.

- É um amigo meu – disse Gisborne. – Está me procurando. Olá, Mowgli.

Curso de Interpretação e Aplicação do livro da Jângal

Muller teve tempo apenas de dar um grito abafado antes que o homem estivesse ao lado de Gisborne, gritando:

- Fiz mal em sair. Eu estava errado, mas não sabia então que a companheira daquele que foi morto junto deste rio estava desperta procurando por vós. Gostaria de não ter ido embora. Ela seguiu vossa pista atrás dos últimos trilheiros, *sahib*.

- Ele é um pouco louco – disse Gisborne -, e fala de todos os animais daqui como se fosse amigo deles.

- Claro, claro. Ze o fauno não zouber, quem zaberrá? – disse Muller com seriedade. – O que diz ele dos tigres... eze deus que te conhece tão bem?

Gisborne reacendeu o charuto e, antes de terminar a história de Mowgli e suas proezas, tinha queimado a ponta do bigode. Muller ouviu sem interromper.

- Isto não é loucura – disse afinal, quando Gisborne relatou como guiara Abdul Gafur. – Isto não é loucura alguma.

- O que é então? Abandonou-me de mau humor esta manhã porque lhe pedi que contasse como o fizera. Imagino que o homem esteja com algum tipo de possessão.

- Não, não é pozezão, é o que há de mais marrafilhoso. Em geral eles morrem jofens, estas pezoas. E agora, dizes que teu criado ladrão não zoube dizer o que guiou o pônei e, por zerto, o *nilghai* não podia falar.

- Não, mas, raios o partam, não havia nada. Eu ouvi, e posso escutar a maior parte das coisas. A fera e o homem chegaram precipitadamente, loucos de pavor.

Em resposta, Muller olhou Mowgli de cima a baixo, da cabeça aos pés, e depois acenou-lhe para que chegasse mais perto. Ele veio como um cervo que pisa um atalho contaminado.

- Tenho boas intenções – disse Muller em vernáculo. – Estende um braço.

Ele levou a mão ao cotovelo de Mowgli, tocou-o e balançou a cabeça.

- Como eu pensava. Agora o joelho.

Gisborne o viu tocar a rótula e sorriu. Dois ou três cortes esbranquiçados logo acima do tornozelo atraíram sua atenção.

- São de quando eras bem pequeno? – perguntou.

- Certo – disse Mowgli com um sorriso. – Eram provas de amor dos pequeninos.

Voltando-se para Gisborne por sobre o ombro:

- Este *sahib* tudo sabe. Quem é ele?

- Isto vem depois, meu amigo. Agora, onde estão eles? – perguntou Muller.

Mowgli curvou o braço em círculo sobre a cabeça.

- Assim mesmo! E podes guiar um *nilghai*? Vê! Eis minha égua presa à estaca. Podes trazê-la até mim sem assustá-la?

- Posso trazer a égua ao *sahib* sem assustá-la! – repetiu Mowgli, elevando a voz um pouco mais acima do tom normal. – Que há de mais fácil, se as cordas que prendem as patas estiverem soltas?

- Solta as pontas das cavilhas – gritou Muller para o cavaliário.

Ele as colocou quase fora do solo, adiante da égua, uma enorme australiana negra, que arremeteu com a cabeça e empertigou as orelhas.

- Cuidado! Não quero que seja guiada para dentro do *ruk* – disse Muller.

Mowgli parou em silêncio defronte às chamas da fogueira, com todo o aspecto e a aparência daquele deus grego tão generosamente descrito nos romances. A égua estremeceu, ergueu a pata traseira, descobriu que as cordas dos cascos estavam soltas, e dirigiu-se para seu dono, em cujo peito deixou cair a cabeça, transpirando.

- Ela veio por sua própria vontade. Meus cavalos fariam o mesmo – gritou Gisborne.
 - Observai como transpira – disse Mowgli.
- Gisborne colocou a mão no dorso úmido.
- Basta – disse Muller.
 - Basta – repetiu Mowgli, e uma rocha atrás dele devolveu a palavra.
 - Isto é estranho, não é? – disse Gisborne.
 - Não, é apenas marrafilhoso... o mais marrafilhoso. Ainda não crês, Gisborne?
 - Confesso que não.
 - Bem, então não contarrei. Ele diz que algum dia te mostrará o que é. Eu zerriz cruel ze contaze. Mas não entendo como ele não morreu. Agorra, escuta – Muller voltou-se para Mowgli e retornou ao vernáculo: - Sou o chefe de todos os *rukhs* da Índia e outros além das Águas Negras. Não sei quantos homens tenho sob minhas ordens... talvez cinco mil, talvez dez. Teu dever é o seguinte: não mais vagar pelo *rukh* para cima e para baixo, nem guiar animais por distração ou exibicionismo, mas colocar-te a meu serviço, pois sou o governo em questões de parques e florestas, e viver neste *rukh* como guarda-florestal; dirigir os bodes dos aldeões para fora quando não houver ordem para alimentá-los no *rukh*, e admiti-los em caso contrário; manter afastados, como tu bem podes fazer, os javalis e os *nilghai* quando forem muitos; contar ao Sahib Gisborne como e para onde os tigres se mudam, e que tipo de caça existe nas florestas; e dar alarmes seguros de todos os incêndios no *rukh*, pois podes fazê-lo mais rápido que qualquer outro. Por esse serviço existe um pagamento mensal em dinheiro e, ao final, após teres adquirido uma esposa, gado e, quem sabe, filhos, haverá uma pensão. Qual a resposta?
 - É exatamente o que eu... – principiou Gisborne.
 - Meu *sahib* falou-me esta manhã de tal serviço. Caminhei sozinho todo o dia considerando o assunto, e minha resposta já a tenho. Servirei, *se* servir, neste *rukh* e em nenhum outro, *com* o Sahib Gisborne e nenhum outro.
 - Assim será. Dentro de uma semana chega a ordem escrita na qual o governo se compromete a pagar-lhe uma pensão. Após o quê, erguerás tua choupana onde o Sahib Gisborne indicar.
 - Pretendia falar-vos a esse respeito – disse Gisborne.
 - Não quis que falasses nada ao fer este homem. Nunca haferrá um guarda-florrestal como ele. É um milagre. Digo-te, Gisborne, algum dia concordarrás comigo. Ouve, ele é irmão de zangue de todos os animais do *rukh*!
 - Ficaria mais tranqüilo se pudesse entendê-lo.
 - Isto firrá com o tempo. Agorra digo-te que apenas uma fez em meu zervizo, e já estou nele há trinta anos, encontrei um menino que tiveze comezado como esse homem comezou. E ele morreu. Às vezes se oufe falar deles nos relatórrrios dos rezenzeamentos, mas todos morrem. Esse homem zobrefifeu, e é um anacronismo, por zer anterior à Idade da Pedra. Olha aqui, ele está nos primórdios da histórrria da humanidade... Adão no parraíso, e agorra zó prezizamos de uma Efa! Não! Ele é mais felho que essa lenda, da mesma forma que o *rukh* é mais felho que os deuses. Gisborne, agorra zou pagão, de uma fez por todas.
 - Pelo resto da longa noite, Muller sentou-se fumando e fumando, olhando e olhando para dentro da escuridão, seus lábios movendo-se em múltiplas citações, e um grande encantamento estampado em seu rosto. Foi para sua tenda, mas logo saiu outra vez, em seu majestoso pijama rosa, e foram estas as últimas palavras que Gisborne ouviu-o dirigir ao *rukh*, no profundo silêncio da meia-noite, proferidas com enorme ênfase:
 - Emborra me iludir e ornar eu poza,
 - Zois nobreza, mudez, antiguidade,

Priapo fozo pai, Libitina foza

Mãe, zois da Grézia difindade.

“Agorra zeí que, pagão ou cristão, nunca conhecerrei a verdadeira natureza do *rukhi!*”

Era meia-noite no bangalô, uma semana mais tarde, quando Abdul Gafur, transfigurado pelo ódio, chegou ao pé da cama de Gisborne e, sussurrando, pediu-lhe que acordasse.

- Levantai-vos, *sahib* – gaguejou ele. – Levantai-vos e trazei vossa arma. Minha honra está perdida. Levantai-vos e matai-me antes que alguém me veja.

O velho tinha as feições alteradas, e Gisborne o encarava estupefato.

- Era por isso, então, que aquele pária da selva me ajudava a limpar a mesa do *sahib*, buscava água e depenava as aves. Eles se foram juntos apesar de todas as minhas surras, e agora ele está sentado entre seus demônios arrastando a alma dela para as profundezas. Levantai-vos, *sahib*, e vinde comigo!

Empurrou um rifle na mão semi-adormecida de Gisborne e quase o arrastou do quarto para a varanda.

- Estão no *rukhi*, bem ao alcance da arma. Vinde comigo em silêncio.

- Mas o que é isso? Qual é o problema, Abdul?

- Mowgli e seus demônios. E também minha própria filha – disse Abdul Gafur.

Gisborne suspirou e seguiu seu guia. Não fora sem motivo, percebeu então, que Abdul Gafur espancara sua filha noite após noite, e não fora sem motivo que Mowgli ajudara nos trabalhos domésticos um homem a quem seus próprios poderes, fossem quais fossem, induziram a roubar. Além disso, o namoro na floresta anda ligeiro.

Ouviram o som surdo de uma flauta no *rukhi*, como se algum deus vagasse pelo bosque, e, ao se aproximarem, um murmúrio de vozes. O caminho terminava em uma pequena clareira semicircular cercada em parte pelo capinzal e em parte pelas árvores. No centro, sobre um tronco caído, de costas para os observadores e com o braço em volta do pescoço da filha de Abdul Gafur, estava Mowgli, corado de flores novas, tocando uma flauta rústica de bambu, a cuja música quatro enormes lobos dançavam solenes sobre as patas traseiras.

- São seus demônios – murmurou Abdul Gafur.

Trazia um punhado de cartuchos na mão. Os animais caíram com uma nota prolongada e trêmula, e ficaram quietos, os olhos verdes fitando a moça.

- Observa – disse Mowgli, pondo de lado a flauta. – Há algo a temer? Já te disse, pequena corajosa, que não havia, mas não acreditaste. Teu pai disse... ah, se tivesse podido ver teu pai sendo guiado pelo caminho do *nilghai!* Teu pai disse que eram demônios; e, por Alá, que é teu Deus, não me espanto por ele pensar assim.

A moça deu uma risadinha modulada, e Gisborne ouviu Abdul Gafur ranger os poucos dentes que lhe restavam. Esta não era, absolutamente, a menina que Gisborne vira de soslaio, esgueirando-se pela casa, velada e silenciosa, mas outra: uma mulher que florescera em uma noite como a orquídea floresce em uma hora de calor e umidade.

- Mas eles são meus companheiros e irmãos, filhos da mesma mãe que me alimentou, como te contei atrás da cozinha – Mowgli continuou. – Filhos do pai que ficava entre mim e o frio na boca da caverna, quando eu era uma criancinha nua. Olha – um lobo ergueu a mandíbula pardacenta, salivando no joelho de Mowgli -, meu irmão sabe que estou falando deles. Sim, quando eu era criancinha, ele era um filhote e rolava comigo na lama.

- Mas disseste que nasceste humano – arrulhou a moça, aninhando-se em seu ombro. – És humano?

- Disseste! E ainda mais, sei que nasci humano, porque meu coração te pertence, pequenina.

Curso de Interpretação e Aplicação do livro da Jângal

A cabeça da moça caiu no peito de Mowgli. Gisborne levantou a mão para deter Abdul Gafur, que não fora absolutamente tocado pelo encantamento da cena.

- Mas eu era um lobo entre lobos; contudo, chegou um tempo em que aqueles da selva me convidaram a sair porque eu era um homem.

- Quem te convidou a sair? Isso não parece conversa de um verdadeiro homem.

- Os próprios animais. Pequeninina, não acreditarias se te contassem, mas assim ocorreu. Os animais da selva me convidaram a sair, mas estes quatro seguiram-me por eu ser seu irmão. Fui então pastor de gado entre os homens, aprendi sua língua. Ah! Ah! Meus irmãos não davam descanso àquele rebanho, até que uma mulher (era uma velha, querida) viu-me brincar à noite com meus irmãos nas plantações. Disseram que eu estava possuído pelo Demônio, e me expulsaram daquela aldeia com paus e pedras, e os quatro vieram comigo em segredo, não mais às claras. Foi quando aprendi a comer comida cozida e a conversar sem timidez. De aldeia em aldeia, fui, do fundo do coração, pastor de gado, guarda de búfalos, trilheiro de caça, mas não houve homem que ousasse erguer um dedo contra mim por duas vezes. – Fez uma pausa e acariciou a cabeça de um dos animais. – Também gostas deles. Não causam dano nem fazem mágica. Vê, eles te conhecem.

- Os bosques estão repletos de toda espécie de demônios – disse a moça sobressaltada.

- Mentira. Mentira para crianças – respondeu Mowgli confiante. – Deitei-me a céu aberto no orvalho, sob as estrelas, na noite escura, e eu sei. A selva é minha casa. Deve um homem temer as vigias de seu próprio teto, ou uma mulher o lar de seu marido? Abaixa-te e os acaricia.

- São cães e imundos – murmurou ela, ao se adiantar, voltando a cabeça.

- “Tendo comido do fruto, perceberam que estavam nus!” – disse Abdul Gafur amargamente.

– Qual a utilidade dessa espera, *sahib*? Matai!

- Psiu, tu. Deixa-nos saber o que aconteceu – disse Gisborne.

- Agiste bem – disse Mowgli, deslizando novamente o braço em volta da moça. – Cães ou não, estiveram comigo por mil aldeias.

- Ai, e onde estava então teu coração? Por mil aldeias. Viste mil donzelas. Eu... que sou... que sou apenas mais uma donzela, possuo teu coração?

- Por quem devo jurar? Por Alá, de quem falaste?

- Não, pela vida que há em ti, e ficarei satisfeita. Onde estava teu coração naquela época?

Mowgli riu um pouco.

- No estômago, porque eu era jovem e faminto. Assim aprendi a trilhar e a caçar, enviando meus irmãos de um lado a outro e chamando-os de volta, como um rei chama seus exércitos. Desta forma guiei o *nilghai* para o jovem *sahib* tolo, e a grande égua gorda para o grande *sahib* gordo, quando questionaram meus poderes. Foi tão fácil quanto guiar os próprios homens. Agora mesmo – sua voz elevou-se ligeiramente -, agora mesmo sei que atrás de mim estão teu pai e o Sahib Gisborne. Não, não corras, pois nem dez homens ousariam mover-se um passo adiante. Ao lembrar que teu pai te espancou mais de uma vez, devo dar o sinal e guiá-lo em círculos pelo *ruk*?

Um lobo levantou-se com os dentes à mostra.

Gisborne sentiu Abdul Gafur tremer a seu lado. Em seguida, o lugar que ocupava ficou vazio, e o gordo homem deslizou pelo atalho.

- Permanece apenas o Sahib Gisborne – disse Mowgli, ainda sem se voltar -, mas comi do pão do Sahib Gisborne, logo estarei a seu serviço e meus irmãos serão seus criados para conduzir os cervos e trazer notícias. Oculta-se na relva.

A moça fugiu, o capim fechou-se atrás dela e do lobo que a defendia, e Mowgli, voltando-se com os três remanescentes, encarou Gisborne, quando o funcionário florestal se adiantou.

- Eis toda a magia – disse ele, apontando para os três. – O *sahib* gordo sabia que nós, criados entre os lobos, corremos sobre os joelhos e cotovelos por uns tempos. Ao tocar meus braços e pernas, tocou a verdade que não conhecíeis. É assim tão maravilhoso, *sahib*?

- Na verdade, é mais maravilha que magia. Estes, pois, guiaram o *nilghai*?

- Sim, como conduziriam Eblis, se eu ordenasse. São meus olhos e meus pés.

- Vê-se, porém, que Eblis não leva um rifle de dois canos. Eles ainda têm o que aprender, teus demônios, pois colocam-se um atrás do outro, de modo que dois tiros matariam os três.

- Ah, mas eles sabem que serão vossos criados assim que eu for guarda-florestal.

- Guarda ou não, Mowgli, provocaste grande humilhação em Abdul Gafur. Desonraste sua casa e difamaste seu nome.

- Se for por isso, ele desonrou-se ao se apossar de vosso dinheiro e, mais ainda, ao sussurrar em vosso ouvido, há bem pouco tempo atrás, que matásseis um homem indefeso. Eu mesmo conversarei com Abdul Gafur, pois sou um homem a serviço do governo, com uma pensão. Ele realizará o casamento segundo o rito que melhor lhe aprover, ou correrá mais uma vez. Falarei com ele ao amanhecer. Quanto ao resto, o *sahib* possui sua casa e esta é a minha. É hora de voltar a dormir, *sahib*.

Mowgli virou-se e desapareceu no capinzal, deixando Gisborne sozinho. A sugestão do deus do bosque não deveria ser mal interpretada; e Gisborne voltou ao bangalô, onde Abdul Gafur, transtornado pelo ódio e pelo medo, agitava-se na varanda.

- Paz, paz – disse Gisborne sacudindo-o, pois parecia que ia ter uma síncope. – O Sahib Muller fez dele um guarda-florestal e, como sabes, esse emprego concede uma pensão ao final do trabalho, e é serviço do governo.

- Ele é um pária, um *mlech*, um cão entre cães; um devorador de carniça! Que pensão pagará por isso?

- Alá sabe, e tu escutaste que o mal já está feito. Proclamá-lo-ias a todos os outros criados? Realiza o *shadi* rapidamente, e a moça fará dele um muçulmano. Ele é muito digno. Não te surpreendes de que após tuas surras ela fosse ter com ele?

- Ele disse que iria ao meu encalço com seus animais?

- Assim me pareceu. Se for um feiticeiro, é pelo menos dos bem fortes.

Abdul Gafur refletiu por algum tempo, e depois sucumbiu e bradou, esquecendo-se de que era muçulmano:

- Vós sois um bramane. Sou vosso gado. Decidi sobre o assunto e salvai minha honra, se é que ainda pode ser salva!

Pela segunda vez, portanto, Gisborne mergulhou no *ruk* e chamou Mowgli. A resposta veio do alto, e em tom nada submisso.

- Fala delicadamente – disse Gisborne, olhando para cima. – Já é tempo de despir-te de teu orgulho e dar caça a ti e teus lobos. A moça deve voltar esta noite para a casa de seu pai. Amanhã haverá o *shadi*, segundo a lei muçulmana, e depois podes levá-la contigo. Traze-a agora a Abdul Gafur.

- Eu escuto. – Houve um murmúrio de duas vozes conferenciando entre as folhas. – E obedeceremos. Pela última vez.

Um ano mais tarde, Muller e Gisborne cavalgavam juntos pelo *ruk*, conversando sobre assuntos profissionais. Chegaram às rochas próximas ao ribeirão Kani; Muller ia um pouco à frente. Sob a sombra de um arbusto espinhoso, esparecia um bebê moreno e nu e, do matagal logo atrás dele, assomava a cabeça de um lobo cinzento. Gisborne pôde apenas levantar de um golpe o rifle de Muller, e a bala rasgou a folhagem dos galhos acima deles.

- Enlouqueceste? – vociferou Muller. – Olha!
- Eu estou vendo – disse Gisborne calmamente. – A mãe está em algum lugar perto daqui.
Despertareis toda a alcatéia, por Javé!
Os arbustos abriram-se mais uma vez, e uma mulher sem véu arrebatou a criança.
- Quem atirou, *sahib*? – gritou ela para Gisborne.
- Este *sahib*. Ele não se lembrava da gente do teu marido.
- Não se lembrava? Mas, na verdade, deve ser assim, pois nós, que vivemos entre eles, esquecemo-nos de que são totalmente estranhos. Mowgli está ribeirão abaixo, pescando. O *sahib* deseja vê-lo? Saí daí, mal-educados. Saí das moitas e prestai vosso serviço aos *sahibs*.
Os olhos de Muller arregalavam-se cada vez mais. Suspendeu-se sobre a água ofegante e desmontou, enquanto da selva escapavam quatro lobos que cercaram Gisborne com agrados. A mãe ficou amamentando a criança, e repelindo-os quando roçavam seus pés nus.
- Estáveis totalmente certo quanto a Mowgli – disse Gisborne. – Tencionava contar-vos, mas habituei-me de tal forma a esta companhia nos últimos doze meses, que se me escapou da memória.
- Oh, não te desculpes – falou Muller. – Não é nada. *Gott in Himmel!* “Eu operro milagres... e eles ocorrem!”

Fim

**CURSO DE INTERPRETAÇÃO E APLICAÇÃO
DO LIVRO DA JÂNGAL**

Cancioneiro

Flor Vermelha

A flor vermelha iluminará
Alcatéia dança ao seu redor
Vamos lobos nossa lei cantar
Com o cair do sol
Tu e eu somos irmãos
E do mesmo sangue
Teu rastro vai junto ao meu rastro
Minha caça é para ti

Ding Dong dos Lobinhos

Ding, dong tem que sorrir
Para poder viver
Ding dong tem que cantar
Para poder amar

Lobinho de boa lei
Conhece bem a selva
E abre seus olhos e ouvidos
Seus olhos e ouvidos
Com todo valor (bis)

Ding, dong...

Com São Francisco de Assis
Amigo dos Lobinhos
Enfrenta as feras selvagens
As ferra selvagens,
Assim fugirão (bis)

Ding, Dong...

Lobinhos de coração
Seremos sempre melhores
Alegres em todo momento
Em todo momento
Para conquistar (bis)

Mowgli

Oh! Rã Mowgli corre e salta
Com os lobos vai caçar
Valente pela Jângal
Nada teme de Shere-Khan
E na Roca do Conselho
Vai fazer o Grande Uivo
E aprendeu a não dar bola
Aos macacos Bandarlogs

Como Akelá o protege
Foi admitido em Seenee
E a todos vai ensinando
Pouco a pouco a sorrir
Obedece aos velhos Lobos
E diz sempre a verdade
Sempre alerta e sempre pronto
Para ajudar os demais.



Bagheera e Baloo

Bagheera e Baloo
Levaram Mowgli
Para um passeio pela Jângal
Mas, ao descansar os Bandarlogs
Por serem maus levaram Mowgli
Chill ouvindo os gritos do menino
Avisou aos seus amigos
Mang o morcego que era esperto
Seguiu os raptos bem de perto
Kaa, Kaa, foi chamada
Por ser mais temida
Chegando a cidade perdida
Transformou a macacada em comida.

Jângal Feliz

Akelá nos ensinou
Uma canção que diz
Todo Lobinho pra ser bem
Tem que fazer a Boa Ação
E assim na Alcatéia
Seremos felizes
Como ensinou... Baloo
Baloo ensina as Leis
Bagheera ensina caçar
Kaa nos guia na selva
Raksha ensina amar
Com Hathi somos valentes
Com Chill sabemos falar
E Assim na Alcatéia
Seremos felizes
Felizes sempre a cantar } bis

Bagheera Pantera

Ela é Bagheera
A Pantera Negra
Ela é Bargheera
Ensinou Mowgli a caçar
Seus olhos verdes
Enxergam no escuro
E ela é negra
Como a noite sem luar
Foi ela que
Na Roca do Conselho
Com voz macia
Deu um salto e foi falar
Direito pra dizer
Ao que eu não tenho
Mas dou um touro
Pro garoto aqui ficar

